

COPEL

ANO XII — Nº 72 — SETEMBRO/OUTUBRO — 1980

INFORMAÇÕES

ADEUS 7 QUEDAS, ADEUS GUAÍRA... | 8/9

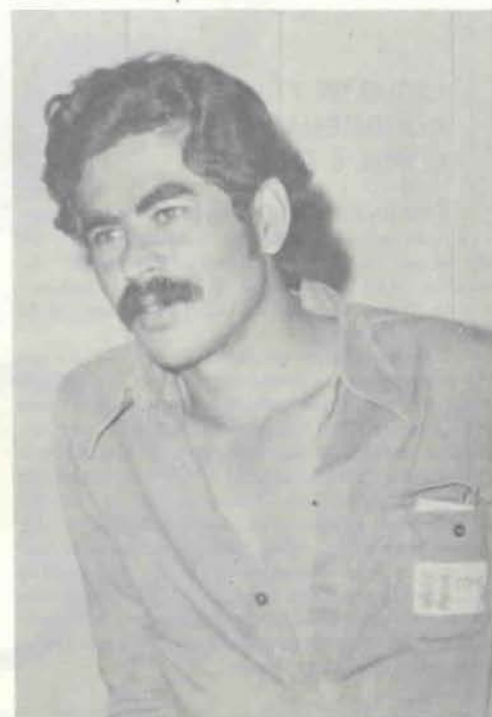


Arnaldo: "Um dia, isso tudo vai desaparecer".

GLÓRIA, DUPLA "PROFISSIONALIDADE" | 7



**LONDRINA
COM MUITAS
HISTÓRIAS | 9 a 11;
FORTUNATO
CONTA UMA
DELAS | 11**



Fortunato

Aniversariantes | 2

Saiba o que é Produtividade Global de Fatores | 16

DOUGLAS SOUZA LUZ DISCUTE ENERGIA E TECNOLOGIA INDUSTRIAL NA EUROPA.

Representante oficial do Estado do Paraná, Douglas Souza Luz, Secretário Executivo do Conselho Estadual de Energia, fez parte da missão brasileira que visitou a Tchecoslováquia e a França. Chefiada pelo Ministro Cesar Cals, das Minas e Energia, a comitiva debateu, em Praga e Paris, aspectos relativos ao uso do carvão como fonte alternativa de energia, assunto do mais alto interesse do Paraná.

Na ocasião, foi realizada em Paris a Reunião Plenária do Grupo Setorial, relativa ao "Convênio Franco-Brasileiro de Cooperação Econômica no Campo do Carvão". Foram abordados os projetos e operações que visam a prospecção, extração, beneficiamento do carvão (coqueificação, geração de eletricidade, gaseificação) e também o beneficiamento de xistos e resíduos.

Também em pauta o intercâmbio de informações relativas à tecnologia industrial de que dispõem os dois países, suscetível de apresentar um interesse comum.

PRESEÇA DA COPEL NA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA

Pedro Ludovico Demeterco e Caetano Rocha Braga, Diretor e Assistente da DDE, participaram da Conferência Internacional de Energia, realizada em Munich (Alemanha), no período de 8 a 12 de setembro.

Foram discutidos nessa Conferência os recursos energéticos do mundo inteiro, e os participantes copelianos puderam então observar o que está sendo feito nos outros países, no que se refere à energia e recursos energéticos. E isso é muito importante para a Empresa que hoje é coordenadora do Plano Energético Estadual.

CICLO DE PALESTRAS COORDENADO PELA COPEL E FIEP

Com presença de grande número de industriais e pessoas ligadas às indústrias paranaenses, foi realizado em setembro o Ciclo de Palestras do "Seminário sobre Conservação de Energia", numa promoção da Copel e da Federação das Indústrias do Estado do Paraná.

Levado a efeito no auditório da FIEP, o Ciclo foi aberto pelo seu Presidente Altavir Zaniolo. Do programa constaram palestras historiando a pauta de Fontes Alternativas de Energia do IPT; apresentação e explicação sobre Manuais de Conservação de Energia, elaborados pelo IPT e a apresentação de algumas situações típicas, através de "slides".

Pedro L. Demeterco, Diretor de Desenvolvimento Energético, falou também na abertura, ressaltando a importância do Ciclo no contexto da atual política econômica, face à crise energética. Enfatizou aos empresários o programa paranaense sobre fontes alternativas de energia e sua validade para a indústria do Paraná.

SEMINÁRIO NACIONAL EM CURITIBA

Cerca de 100 contribuições técnicas serão apresentadas durante o VIII Seminário Nacional de Distribuição de Energia Elétrica - SENDI, que irá se desenvolver no período de 7 a 12 de dezembro próximo, em Curitiba. A promoção é da Companhia Paranaense de Energia - COPEL, que prevê a participação de mais de 700 técnicos de algumas dezenas de empresas do País, ligadas à distribuição de energia elétrica.

Objetivando o intercâmbio de informações

através da divulgação da análise e discussão dos resultados obtidos mais recentemente em pesquisas e experiências sobre todos os aspectos técnicos, econômicos, administrativos e comerciais que envolvam a distribuição de energia elétrica urbana e rural, o Seminário ainda tem suas inscrições abertas na COPEL, coordenadora do Encontro. O Seminário transcorrerá no edifício do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná.

Os aniversariantes de 1980

Este ano, 631 empregados comemoram períodos de trabalho na Empresa (25, 20, 15 e 10 anos). Outros 61 comemoram de 26 a 45 anos. Fazemos especial referência a Alberto Valle, que completa 50 anos de trabalho.

A todos, as congratulações do "Copel Informações"

Eis a relação de seus nomes, por Diretoria à qual pertencem:

26 A 45 ANOS

D A D : Antonio Chemberk (37), Luiz Antonio Adão (27) e João Franco da Rosa (26).

D E C : Antonio Ferreira Maciel (30).

D E F : José Domingos Coelho (31), Rodolpho Belz (29), João Natividade Ramos da Silva (28), Algacyr Cesar Fiorani, Dagoberto Carlos Suckow e João Pereira dos Santos (27) e Theodoro Lopes (26).

D O P : Antonio Kuczar (45), Sezinando Gonçalves de Oliveira (33), Sebastião de Goes (32), Mikolaj Saeczuk (31), Domingos de Oliveira e Lorenzo Corso (29), José Maria Fortes (28), João Maria Bernardo da Silva, Jacy Marques Mesquita, João Cordeiro Machado, Valdomiro Machado, Macario Marciano da Encarnação, Franco Nora e Waldomiro Antonio Leão (27), Isidoro Pires Ferreira, Mario Cardoso Ferreira, Pedro Plantas dos Anjos, José Sokolowski, Francisco Teodorico da Rocha e Gercl Mateus da Silva (26).

D D I : Pedro Constantino Rosa (44), Arnaldo Fernandes Nobrega (34), Myeczystaw Zuk e Jan Trzeciak (32), João Prestes, Antonio Rodrigues do Nascimento e Sideney Pioli Silveira (30), Wlademiro Bolik, João Guimarães Turek e Milton Pucci (29), Bronislau Fabrica, Estephano Hanzczuruk, João Batista R. da Veiga, Norberto Kopis, Antonio Cambraia, Carlos Roberto Pereira Machado, Fernando de Barros Pinto, Raimundo Pereira e Benedito Moises dos Santos (28), João Bertaçoni, Irene Aglair Arcello, João de Jesus Martins, José de Oliveira, Onofre de Castro e Souza, Paulo Rocha, Eduardo Aparecido Rosa e Jaime dos Santos (27), Guilherme Nievola, Marcelo de Stefani, Paulino Alves de Camargo, Leodorico Amaral e José do Carmo Rosa (26).

Q P L : Renato Bunese (28) e Evelasio Rugik (26).

25 ANOS

PRESIDÊNCIA: Hugo Ahlfeldt.

D A D : Adir Santana, Aramydes Santana e Sebastião Antonio de Souza.

D E F : João Dechristan, Paulino Taborda de Lima, Saturnino Tomaz de Aquino e Marino Bernardo Monteiro.

D O P : Maria Fagundes, Paulo Safiano, Carlos Gomes de Carvalho, Abilio Senko, Luiz Moro, José Moreira de Lima, Antonio Jareck, Arnaldo Kanning, Pedro Schmidt Miranda, Roberto Schmidt e José Antunes de Oliveira.

D D I : Mateus Guerreiro Filho, Antonio Lourenço Martins, Romão Carlos Issakowicz, Raulino Ramos, José Granatir, Waldemar Steiner, Leonel Trevisan, João Wrobel, Sebastião de Mattos, Estefano Kozaka, Darcy Alves Cardoso, Roberto Carlos Barão e Ivo Biscaia da Cruz.

CEHPAR: Nelson Luis de Sousa Pinto.

Q P L : Abrão Fuks.

20 ANOS

D A D : Carlos de Freitas e Nilton Alvin Landal.

D E C : Carlos Leitão Filho.

D E F : Germano Perozin, João José Brustolin e Luiz Carlos Cavanha.

D O P : João Batista, João Ferreira Mota, Arnaldo Luiz de Oliveira, Simão Miquline, Primario Andrioli, Onofre Alves da Silva, Antonio Pastio, Haroldo Batista, Alberto Krzesinski e Eduardo Gerbas.

D D I : Euclides Cordeiro da Silva, Josué Ferreira de Oliveira, Joanin Nelson Bettega, Zizo Zamboni Fanini, Antonio Krzyzanowski Sobrinho, Claricio Vanhoni, Waldirio da Silva, Almir Alves, Helmut Hermann, João Silgre Filho, Angelo Moretti, José Trindade Filho, Naim Silva, Gandy José de Souza e Geraldo de Oliveira Muniz.

Q P L : Francisco de Paula Ramos.

COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA

COPEL

INFORMAÇÕES

Boletim bimestral editado pela Assessoria de Relações Públicas - ARP
Editoria e Arte Rua Coronel Dulcídio 800, 10º andar - 80.000 CURITIBA PARANÁ
Editor Responsável Rubens R. Habitzreuter - CONRERP Nº 342



COPEL

15 ANOS

PRESIDÊNCIA: Elisabeth Lucie Felu Deschamps.

D A D : Jurandir Vieira Silva, Gerda Gall, Osvaldo Leoní, Jorge Andrade dos Santos, Genoveva Sechta, Aldimir Manoel, Carlos Alberto Voss, Vassilio Marmaczur, Batista Cicarello, Juliano Loyola Alves, José Dequech, Jerzy Golambiuk, Maria Eugenia Ton, Franco de Oliveira, Leovanil Stange, Jayme de Camargo Simões e Winfield Batista dos Santos.

D E C : Antonio Linzmayer, Walton Sigismundo Wysocki, Sergio Gustavo Brandt, Deomar Pereira dos Santos Filho, Antonio de Castro Alves, Lina Kusdra, Arnoldo Gonçalves de Oliveira, José Carlos da Costa, Santiago Sandoval Isla, José da Silva Lima Filho, José Zenor dos Santos Ribeiro, Joaquim dos Santos, Laurival Marques, Fernando Rogich Vieira, Carlos Moraes e Tadeo Gonçalves Lemes.

D E F : Marcio Paladino Mesquita, Ildefonso Ivanowski, Ari Machado, David Ferreira Luiz, Geraldo de Souza Amorim, Manoel Cardoso Leal, Vitor Ferreira de Brito, Hugo de Menezes, Dacir Cordeiro Pinto, Afonso Staben, Tsukassa Fukuda, Luiz Pedro Antonieto, Jacir Adolfo Erthal, Sebastião Lopes de Oliveira, Carlos Cesar Araujo, José Hidalgo, Durval de Souza, Manoel de Carvalho, Alvaro Rogers Wambier, Ruy Carvalho de Aguiar, Marcos Cesar Vasconcelos, Paulo Valdemar Wisniewski, Cloacir Aleluia de Aguiar, Rubens Ghilardi, Almor Arndt, Eldmar Rubin Czech, Luiz Rodolpho Foggatto, Guaraci Moema da Costa Teixeira, Walfrido Prehs, Celso Straube Correa, Adir Otacilio Vaz, Alvaro de Oliveira Neto, Luis Carlos Trevisan, Antonio Rego Noletto, José Debarba e Zenor Gonçalves de Paula.

D O P : Francisco Ernesto Alves Macedo, Lincoln Toyoshima, Amauri de Andrade, João Tullio de Menezes, João Maria Braga, José Reis, Alfredo dos Anjos, Pedro Pinheiro do Carmo, Hugo Roberto Krenke, Waldemar Agostinetto, Newton Leal, Odir da Cruz Santos, Pedro Carvalho da Silva, Moyses Mendes Carvalho, José Moreira Fortes, Oswaldo Walkowski, Oswaldo Nogaroli, Hypolito Adalberto Myszkowski, Geraldo Alberti, Pedro Antonio da Silva, Geraldo Giraldo, Kanejiro Ikeda, Francisco Peplow, Dirceu do Rosário Rodrigues, Napoleão Siqueira, Martin Linares Camacho, Luiz Rodrigues Garcia, Benedito Nata Severiano Gonçalves, Djalma Delmiro Cruz, Manoel Guilherme dos Santos, Sebastião Macedo da Silva, Alzira da Silva Tavares, Luiz Teotônio de Medeiros Avila, Otacilio da Silva, João Ferreira de Lima, Toyoharu Tanaka, Naor Alves Rodrigues, Francisco Luiz Seffrim, Paulo Fernandes Moraes, Waldomiro Kotvisky, Antonio Moreno Aguilera, Jaco Newton Krapiec, Vitorio Dutra da Silva, Nelson Justino dos Santos, Dirço de Oliveira, José Garbe, Amilton Cordeiro, Romildo Ribas de Matos, Florisvaldo Vieira de Lima, Remy da Costa Lima, Manoel Antonio Martins de Oliveira, Eulgo Costa Veiga, José Raul Cubas, Francisco Alves Pereira, Juvenal Vaz Athaybel Tezin, José Fiori Neto, Valdomiro Henrique Machado, Jurandyr da Silva Romero, Antonio Alves Cardoso, José Darci Fabri, Antonio Batista de Oliveira, Plínio de Almeida Filho, Odair Ramos Corsico, Leonardo Dybas, Antonio Tadeu Porcides, José Catisti, Claudines Boer, Manoel Gery e Wilson Guilherme dos Santos.

D D I : Mario Cesar Medeiros de Almeida, Alcides Furtado, Braulino Rocha da Silva, Diogenes Puka, Antonio Inacio Thadeo, Constantino Riccio, João Gilberto Rodrigues, Otto Horst Flinkerbusch, Vitor Amaro de Paiva, Luiz Onoda, Hideomi Mizutani, Carlos Fernando Lor Neto, Adir Rubens Todeasco, Tiziano Tubiana, Devanir Boer, Milton Calvo, Alcides Giroto, Alicia Rodrigues da Costa, Zuardo Szezerbaty, Osvaldo Vieira Vasconcelos, José Silva de Souza, Maria de Chico Peres, Zelândio de Aguiar Rossi, Walter Honorio, Rodegaz Curty, Laercio Domingues, Gumercindo Rodrigues Filho, Euclides Gasparino, Carlos de Souza, Raimundo Maia, Paulo Jacinto de Oliveira, Durval Maximino de Mello, Luiz Manoel da Silva, Jorge Macario de Brito, José Carlos da Silva, Osvaldo Marques da Silva, Antonio Rufino de Campos, José Ferreira, Osvaldo Gaspar, Nelson Candeo, José Bettio, José Joaquim Justino, Nely Lourdes Bonfanti Rosa, Paulo Pasqual Minuzzi, Odilon

Selbmann, Carlos Bueno Ribeiro, João Geraldo Siqueira, Alcides da Silva, Nivaldo Trindade, Ayrton Nagib, Orlando Alves, Sebastião Silvio de Antonio, José Luiz de Melo, Abigail Rodrigues, Evicazio Florêncio Brandão, Carlos Faria Machado, Luiz Carlos Borges, Amadeu Jurandir Vaz dos Santos, Alceu Antonio Sbalqueiro, Paulo Nilo Jaremicki, Luiz Antoniacome Dallovecchia, Juarez Teixeira dos Santos, Custodio Cordeiro da Silva, Tatsuo Harada, Valentin Redroff, Amilton Stival, Dirceu de Almeida Rosa, Francisco Tadao Suzuki, Antonio Fogaça de Almeida, Roberto Ricardo Hermann, Henrique Geiss, Darci Soznoski, Oswaldo Perineto, Maria Reis de Barros, Lazaro Lauria, Roberto Pontedura, Antonio Amancio da Costa, José Domingues do Nascimento Filho, Valdemar Rossi, José do Espírito Santo Soares, Marcos Riva de Castro, José Biotti, José Benedito da Cruz, Ivo Luiz da Silva, Remo Merli, Pedro Murata, João Batista de Assis, Alceu Servulo Santos, Benedito Lopes de Camargo, João Emiliano Guimarães, João Faria de Deus, Lourenço Gomes da Silva, Bernardo Rey Revelk, Benedito Jeronimo, Luiz Salvador Brogin, Frederico George Baum e Edivaldo Gomes de Souza.

CEHPAR : Antenor Perdoncim, Carlos Alberto dos Reis Guimarães, Arno Rolf Ihle, Reinaldo Schwanka, Neuzar Prosdocimo Rebello, Reinaldo Sergio Kula, Roberto Leite Schulman e Airtton Dubiela.

10 ANOS

PRESIDÊNCIA: Eliane Fani Bailo.

D A D : Aírto Fantin, Alcindo José Villatore, Amauri José de Sousa, Antonio Arenhart, Antonio Eonori Catapan, Auro Paulo Ruthes, Claudio Tortato, Edvaldo Oriles Setim, Eloi Stadler, Francisco Elvino Gelenski, Genyr Pereira Terres, José Carlos Gravina Calderari, Olga Freire Gaiao, Hager Manocchio Filho, Osni Ristow, Rosa Roberli de Souza Lanzoni, Lucia Helena Hubie, Suely Terezinha Macagnan, Vera Lucia Contador, Josemar Carstens, José Luiz de Barros Franco, Irma Bergauer, Marcelo Braga de Lacerda, José Massuqueto, Wilson Hayashi, Mario José Skalski, João Maria Gelbocke, Heitor Cavalcanti Neto, Maria de Lourdes Voi, Nilva Cambri, Moacyr Nascimento Filho, Neoraldo Caetano Cardoso, José Cabral e Ney Anselmo Pires.

D D E : Munir Saab e Luis Roberto Dantas Bruel.

D E C : José Correa de Oliveira, Akira Dairiki, Clovis Fernando Steinke, Nilton Constantino, Manoel Vital Mattos, Paulo Korelo, Avelino Xavier Simões, Romano Dala Rosa, Alvaro Pereira de Andrade, José Padilha Bitencourt, Domingos Geraldino Angeli, Theodoros Joannes Wilhelmus de Goeij, Silvio Jefferson Teixeira Pinto, Geraldo Pereira Pimenta, Francisco Gonçalves, Milton Meneleu Martins, Henrique Alexandre Rupprecht, Manoel José Ribeiro de Cordova, Adão Luiz Dias, Santonino Nunes, Arno Carlos Sandrini, Ignacio Minski, Jair Probst, Altivir Bormancini, Antonio Ferreira de Andrade, João Adolfo Goris, Edgard André Mendes Cruzetza, Edson Carrano, Alceu Pacheco, Rogerio Cesar Mira, João Roberto Ricobom, Michel Augusto Filho, Orlando Cancelier, João Antonio Pereira Junior e Claude Frank Loewenthal.

D E F : Flavio Fabro, Victor Waszczynsyj, Moacyr José Iwanowski, Leniro Gomes, Marcos Roberto Vierkorn, Jeanine Margarida de Cassia Gabardo, Sergio Blei Gonçalves, Gilceio Garcia Gonçalves, Milton de Oliveira Brandão, Luiz Carlos de Freitas, Wilson Ventura de Arruda, Mauro Aparecido Marques, Roseli Zanin, Marcia Faria Branco Schiefelbein, Luiz Urbaneski, Ruth Ramos da Cunha, Linozira Suplicy Rocha, Alcimar Manzoche, Sergio Roberto Santi, Elisete Ramos da Cunha Ferreira de Castro, Gerson Roque Bassan, Benedito Faccini, Florencio Ivan Setim, Maria da Graça Ribeiro de Oliveira, Odilon José Schwabe, Emerico Eduardo Singer Neto, Ivo Mariano Kropemicki, José Pedro Wasko, Teresinha Breda, Yoishi Egashira, Luiz Edgard Thiele e Adão da Silva.

D O P : Luiz Mauro de Vasconcelos Filho, Maria de Lourdes Ferreira, José Fernando Rodrigues, Pacifico Antonio Busse Caxambu, João Ferreira Lopes, Teodoro Jacob Winkler, Sebastião Pereira Machado, Vicente Schwaskos, Estevão Rodrigues Pereira, Santino Ribeiro, José Antonio,

Adelina de Lima Kamaroski, Claudomiro dos Santos, André Luiz de Oliveira Vargas, Bruno Remza, Marco Antonio Sans, Liga Domingues da Silva, Ivandino Kluger, Olevi de Brito, Altino Nakamori, Antonio Carlos de Faria, Mendelson Soares de Souza, Pedro Alves Reis, Ernani Carmelo Druzcz, Celso Reinaldo Hartmann Santo, Leard Lidak, Edgard Luiz Nielsen, Osmair Rigoni dos Santos, Humberto Takao Furukawa, Valdemar da Rocha, Milton Batista, Deraldo Saes Vincelli, Ciro Carlos da Silva, Angelo Alessi, Emygdia Batista da Silveira, Jacinto Ribeiro Gonçalves, Natan Organ, Nelson Koroviski, Valdir Silveira, Sona Rodrigues Padilha, Luiz Roberto Firmo da Silva, Layres Baseggio, Ignez Elisa Polles, Leonidas Rodrigues, Haroldo Kupfer, Manoel Luiz Gomes Osti, Altivir Alexandre Toscani, João Roberto Menghini, Ataides Rodrigues Lisboa, José Oliveira Ramos, Benedito Ferreira, José Guilherme, Lucinda Lopes Rodrigues, Iladio Ademir Ribeiro, Adaias Batista Suplano, Francisco Jaco Cichy, Norberto Fischer, Waldemar da Costa Bento, Vivaldo de Melo, Waldomiro Gouveia, Ildefonso Massaaki Kamogawa, Vicente Radicheski, Ivo Krama, Henrique Falcoski, Gilberto Maria de Menezes, Claudio Vilalva, Lucas Laskosky, Antonio Carlos de Oliveira, Justo Freire Quintana, Amauri José Tavares, José Domingues, Osvaldo Martins Rocha, Darci Rodrigues dos Santos, Carlos Gilberto Menegotto, Jair Leonel Dias, Mario Tatsu, João Correia Lemes e Jesse Cortez.

D D I : Joaquim Carlos Silva D'Almeida, Antonio Monteiro de Almeida, Miguel Martinez Nevot, Pedro Marozckanycz, Zeferina Ribaski Raab, Alvaro Gonçalves, Nair Gonçalves de Oliveira, Joe Luiz Rodrigues, Tabajara Pacheco do Rosário, José Ildefonso Campos Netto, Jorge Ubiratan Lopes, Fernando Gayer, Mario Daltro Londero da Silva, Pedro Monteiro, José Walfrido Cavichio, João Aelco Pelosi, Cleomar Carvalho de Freitas, Juvelino da Silva, Leonardo Orti, Dercio Rigoni, André Luiz Gonçalves, Armando Benedito Coutinho, Alfredo Braz Serea, Marco Antonio de Moura, Lidélina Perosso Mori, Jurandir Barzon, Deocleio dos Santos, Fortunato Figueiredo Neto, João Batista da Silva Manoel Jorge Seiki Miyazaki, Laercio Ferreira, Lauro Carneiro, Neviton Alves Rodrigues, Antonio Laurentino da Silva, Lidio Eloy Titericz, João Maria Staveski, Aparecido Pereira da Silva, Aurelio Lemes Grim, Robert Schevishiski, Antonio Ferreira de Quadros, Rodrigues Benner, Luiz Carlos Szczpanski, Sylvestre Dal Santo, Luiz Fernando Scarpin, Evaristo do Rosário Fernandes, Vardelei Anastacio de Freitas, Marino di Giuseppe, Aramis Galego, José Vieira Maciel, Celso Luiz Franca, Terezinha Gomes da Silva, Osmair Ferreira, Antonio Sandeckí, Eloy Kloss, Tadeu Valery Anyzewski, Vitalicio Massinhan, Joel Jorge Teilor de Meira, Wilson Luiz Olivete, Nelson Cordeiro Meneguet, José da Cunha, Ari Bernardo Favaro, Silvestre Pellaquini, José Albano, João Carlos Becker, Luiz Olinto Soares, João Gabino Fernandes, Eugenio Woche, Harro Guntvam Hofmann, Luiz Milani Neto, Domingos de Lima, Milton Goeti, Paulo Pontello, Izidio Braz Monteiro, Arnaldo de Souza Ferreira, Antonio Fermio Cassiano dos Santos, José Maria Nitsch, Hamilton Juarez Osternack, Adão de Mattos, Deamil Vieira do Amaral, Afonso Krieger, Assis Francisco Pereira, Darci Fruehling, Otacilio Fernandes de Lima, Hilario Buba, Iliano de Castro Chagas, José Angelo Mottim, José Andrade Santos, Antonio Amadeu Hack, Ivan Gomes Veloso, Erlon Antonio Anrelink, Wadislau Boschock, Rubens Garcia, José Vilson Pimentel, Waldemar de Souza Prestes, João Stonoga, Moises Marquardt, Benjamin Zboralski, Ivo Ferrari Gobatto, Antonio Luiz Farraca Saiz, Idezio Gomes dos Santos, Iracema Galvão, Jurandir de Rosso, Darci Teles de Miranda, Olívio de Oliveira Cordeiro, Augusto Miguel da Silva, Pedro Rodrigues, Ilo Pacheco, Francisco Correia Neto, Mauercio Rodrigues Garcia, Dario Hilario Gonçalves, Antonio Lazaro Marin, Benedito da Silva Leite, Carlos Roberto Ricas, Vinicio de Faria, Augusto Aparecido Jorge, Silas José dos Santos, Pedro Cano Filho, Valdir Gomes, Celso Sposito Reynaldo, Ernesto Gabriel, Osvaldo Tomaz da Silva, Francisco Alexandre do Nascimento, Eloiza Lopes Oliveira, Lauro Bravin, José Saldanha dos Santos, Antonio Moretti Filho, Michele Li Puma, Luiz Carlos Martins de Mattos, Rosa Caroni Rodrigues e Artur Banniogli.

CEHPAR : Antoildo Gutierrez, Clayton Gomes do Amaral Junior, Edgard Helvig, Francisco Luiz Sibut Gomide, Julio Cesar Olinger, Sinildo Hermes Neidert e Alvaro Rosa Bruggman.

Q P L : Amadeu Busnardo Filho.



Douglas Souza Luz, Secretário Executivo do Conselho Estadual de Energia, representou o Governador do Estado na abertura da I Feira de Sistemas e Equipamentos – Solução Energética Brasileira, realizada no Parque Barigüi, no período de 15 a 24 de agosto.

A Feira foi promovida pelo Conselho Estadual de Energia, sob a organização da COPEL – na qualidade de órgão executor dos Programas do Conselho –, BADEP e SEIC.

Fizeram-se presentes à abertura, Fernando Fontana, Secretário da Indústria e Comércio; Maurício Schulman; Pedro Ludovico Demeterco, Diretor da DDE; Euro Brandão, Presidente do BADEP; Mauro Moreira, Diretor da Eletrobrás, além de grande número de convidados e visitantes.

PELO SEU DIRETOR, OS OBJETIVOS E ATIVIDADES DA DAD



Antonio Carlos Romanoski apresentou, em reunião realizada no dia 24.09.80, aos Superintendentes, Assistentes da DOP, DDI e chefes de

Departamentos Regionais Administrativos, os objetivos e as atividades que vem sendo desenvolvidas pela Diretoria Administrativa.

SPAT/80 NA REGIONAL DE PONTA GROSSA

Desenvolveu-se na regional de Ponta Grossa de 13 à 17 de setembro, a Semana de Prevenção de Acidentes de Trabalho – SPAT/80.

O ponto alto da programação foi o concurso instituído pela CIPA Regional, com a apresentação de Trabalhos sobre Segurança e Prevenção de Acidentes, tendo participado do mesmo os órgãos integrantes da estatística de acidentes da área.

Os quatro trabalhos selecionados foram os seguintes:

“Segurança no Trabalho – Ontem e Hoje” – ED/UVI)

Equipe: Domingos Natal Pasquali, Carlos Kasperowicz, Gilson A. Carvalho, Antonio C. da Silva e Jorge E. Schereiner.

“Riscos de Eletricidade” (DPRC/DVRM)

Autor: Luiz Czelusniak

“BAITACA 1º” (DPRT/DVRO)

Autor: Antonio Ferreira de Quadros

“O Álcool na Minha Vida” (DPRC/SG/IRT-PL/RIL)

Autor: Altevir Florêncio Correia.

O CROP apresentou em União da Vitória no dia 13 o tema “CAPACIDADE DO HOMEM”, trabalho desenvolvido por Carlos Lustosa.

PALESTRAS

Os quatro trabalhos selecionados pela SPAT/80, foram apresentados em União da Vitória no dia 13, em Guarapuava no dia 14, em Irati e Telêmaco Borba, respectivamente nos dias 15 e 16, e finalmente em Ponta Grossa no dia 17, ocasião em que foi encerrada a programação.

SRP RECEBE TROFÉU

O engenheiro Elmar Lopes recebeu em Curitiba, em reunião que contou com a presença dos demais superintendentes regionais da COPEL, o Troféu conquistado pela Regional de Ponta Grossa no ano de 1979, relativamente ao programa de prevenção de acidentes instituído pela Empresa.

A classificação final foi a seguinte, com seus respectivos índices:

1º - Regional de Ponta Grossa – 6,87; 2º - Regional de Cascavel – 13,10; 3º - Regional de Londrina – 42,13; 4º - Regional de Maringá – 69,06; 5º - Regional de Curitiba – 97,59.

O TROFÉU

O troféu da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes da COPEL é de posse transitória, devendo após a conquista estabelecida permanecer em Ponta Grossa até o final deste ano.

Para conquista em definitivo, terá que ser vencido em três anos consecutivos ou em cinco anos, alternadamente.

Neste ano, o índice acumulado, na classificação de janeiro a agosto vai apresentando novamente a Regional de Ponta Grossa à frente, com a seguinte posição estabelecida:

1º - Ponta Grossa – 3,55; 2º - Maringá – 9,68; 3º - Londrina – 17,99; 4º - Curitiba – 19,84; 5º - Cascavel – 379,69.

GRANDE MÉRITO

Supervisores de serviços, encarregados de turmas de rede, eletricitas, plantões de emergência, leituristas, enfim, desde a mais alta chefia, ao mais simples ajudante de serviços, todos, na dedicação demonstrada, têm o grande mérito pela posição que deram à Regional de Ponta Grossa na conquista deste troféu que representa o trabalho desenvolvido pela Empresa no tocante à Segurança.

CIPA

Na reunião do mês de setembro da CIPA/Regional, o engenheiro Elmar Lopes apresentou aos membros da Comissão o troféu conquistado, afirmando que trata-se de uma vitória estabelecida com a participação de todos que, a cada momento, no dia-a-dia do trabalho desempenhado, dão valor ao que representa a Prevenção de Acidentes.





Unidade instalada na Regional de Ponta Grossa.

Com o objetivo de otimizar o processo de controle da arrecadação do faturamento do Interior, a SSP, conjuntamente com as Superintendências envolvidas, tem implantado, desde fins de 1979, um sistema de transmissão e processamento de dados de consumidores.

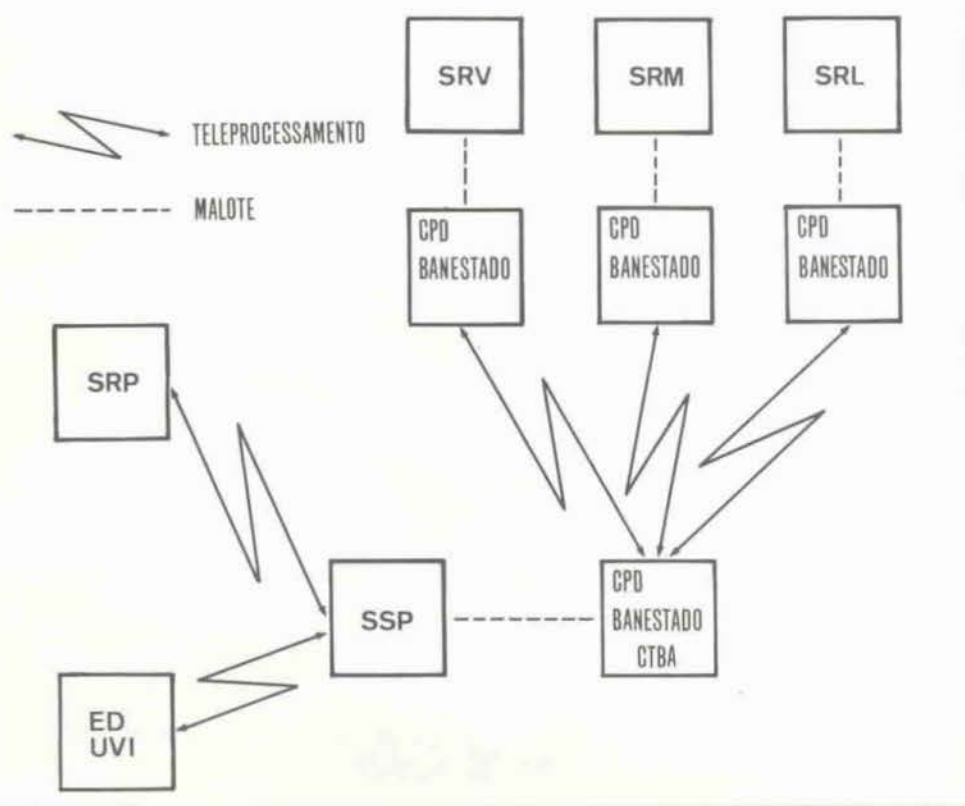
Este sistema permite a digitação e transmissão dos dados de arrecadação das regionais, para processamento no computador central (SSP) e o retorno das informações para emissão automatizada dos relatórios de controle da arrecadação e das "Ordens de Suspensão de Fornecimento" (OSF).

Para a implantação do sistema foram firmados convênios com o Banestado, para uso de seus equipamentos nas sedes das Regionais, em função das vantagens econômico-financeiras desta alternativa, com exceção da Regional de Ponta Grossa, e do ED. de União da Vitória, onde temos instalados equipamentos de entrada de dados e de impressão, ligados à sede e operados pelo pessoal local.

Este sistema foi desenvolvido de forma a atender à necessidade de racionalização crescente do uso de recursos das Regionais em função do crescente número de consumidores ligados à rede.

Com a implantação desta sistemática, além das vantagens da descentralização da digitação e da otimização do processo de baixa da arrecadação, colocou-se em prática uma forma de descentralização do Processamento de Dados na Empresa.

REDE DE TRANSMISSÃO E PROCESSAMENTO DE DADOS



NOVA CENTRAL TELEFÔNICA DO SISTEMA DE COMUNICAÇÕES VIA CARRIER

Com a entrada em operação da nova central telefônica instalada no Centro de Operação do Sistema - COS, o sistema de comunicações via ondas portadoras em linhas de alta - tensão OPLAT (Carrier), recebeu inúmeras melhorias, que podem ser assim resumidas:

- 1 - A ligação direta da central do COS com as principais centrais do sistema, notadamente as de Ponta Grossa, Londrina, Maringá, Campo Comprido e futuramente Cascavel, possibilita uma ligação mais expedita com os assinantes destes equipamentos sem necessidade de longas discagens;
- 2 - A eliminação do ponto obrigatório de trânsito através da central de Campo Comprido - foco de grandes congestionamentos - trouxe um desafogo para todo o tráfego de trânsito através desta central, com melhor índice de chamadas completadas;
- 3 - A utilização de canais de microondas na interligação destes equipamentos propiciou obter uma elevada qualidade no canal de voz, contribuindo com maior inteligibilidade das conversações e conforto dos usuários.

Através destes melhoramentos gradativos a SSE está procurando adaptar às condições atuais de operação da Companhia um sistema pioneiro que tantos serviços e benefícios já nos prestou.

MARINGÁ: FILME SOBRE ACIDENTES FAZ SUCESSO

Um filme "Super 8" mostrando diversos acidentes de trabalho, com os papéis sendo interpretados por empregados da Empresa, está fazendo grande sucesso na área da Regional de Maringá. Com duração aproximada de cinco minutos e filmado em 18 quadros por segundo, ele mostra em detalhes 7 dos mais comuns acidentes de trabalho que normalmente ocorrem no âmbito daquela Regional.

Segundo Jeremias Putiquezi, da Assessoria de Segurança da SRM, a iniciativa de produção do filme nasceu do reconhecimento quanto aos bons resultados dos recursos audiovisuais na explanação de uma situação qualquer.

Os acidentes mostrados no filme foram efetivamente registrados. Até mesmo pequenos detalhes relativos ao tipo do serviço que estava sendo executado pela vítima foram observados, tudo com base nos relatórios da CIPA e dos próprios acidentes.

Essa fidelidade de reprodução serviu não apenas para a parte didática simultânea às exibições, com o doutrinamento dos assistentes em função das situações mostradas na tela, mas sobretudo para aprimorar a análise feita pela própria CIPA quanto às causas dos acidentes enfocados.

Através do filme, inclusive, foi possível detectar a principal causa determinante de um acidente, informação que não constou na análise da CIPA talvez por insuficiente número de dados oferecido pela simples descrição oral.

Para a confecção desse recurso audiovisual a Assessoria de Segurança da Superintendência Regional utilizou-se dos seguintes empregados: Iloé

Pacheco, Tobias Raphael Mendes, Waldemir A. Delábio, Isidoro B. Medeiros, Rita Kátia de Abreu e Walter Honório, além de Wladimir S. Bert que não é empregado da COPEL.

Registraram-se manifestações de euforia e entusiasmo por parte dos "atores" e também dos empregados que já assistiram às diversas exibições.

Em virtude dos bons resultados que esse recurso vem proporcionando na difusão de normas e procedimentos relativos à segurança no trabalho, um calendário de exibições foi montado para que, no mais breve espaço de tempo, todos os empregados da Regional de Maringá possam assistí-lo.

Além disso, outros acidentes também acontecidos e dos quais seja possível extrair lições, para melhorar o aprendizado da segurança, já estão sendo selecionados para serem enfocados numa nova película didática a ser em breve produzida. Para essa nova produção garante-se, inclusive, melhor "performance" dos atores e atrizes...

Caricatura, a difícil arte do Ambrósio

Ambrósio Melek, empregado da Empresa desde novembro de 1972, desenvolve atividades de planejamento de sistemas elétricos de potência, hoje chefiando o Departamento de Engenharia de Sistemas de Transmissão da APL.

Formado em 1972 em Engenharia Elétrica pela UFPR e Técnico em Eletrônica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná - CEFET, fez diversos outros cursos, destacando "Advanced School in Power Systems Engineering" na Universidade Estadual da Pensilvânia Westinghouse e "Curso de Economia de La Energia" da Fundação Bariloche, em 1979. Participou, ainda, de outros seminários e congressos. Foi professor da Escola Técnica de 1970 a 1975 e é membro do IEEE, desde 1973.

De aparência tímida, Ambrósio é, entretanto, sagaz observador do comportamento humano. E somente depois de romper algumas barreiras da timidez é que podemos conhecer as reservas de sua visão crítica do mundo e grande paixão pelo estudo da energia elétrica e, ultimamente, o interesse por todas as formas de energia.

Antes de falar de assuntos profissionais, que são muitos e importantes, falou ao CI das outras atividades e aspectos da vida particular.

CI - Família.

Ambrósio - Sou casado com Maria Fernanda, tenho dois filhos gêmeos - Luiz Antonio e Luiz Alberto, com 4 anos e meio.

CI - Ocupações não profissionais.

Ambrósio - Diversas. Atualmente leio muito, de quase tudo. Além de obras técnicas, interesso-me

também por Morris West, Artur Hailey (O COLAPSO - visão de uma companhia de energia elétrica com suas dificuldades), Érico Veríssimo e variedades, para manter-me informado.

CI - Sabemos que você é caricaturista de talento. Qual a origem desta arte, em você?

Ambrósio - Leitura de histórias em quadrinhos. A partir daí, desenvolvi a minha própria técnica, para uso doméstico.

CI - Que inspiração precisa?

Ambrósio - As pessoas sérias vivendo situações engraçadas são pratos cheios para caricaturar. Quanto mais sérias, melhor. Além disso, há pessoas que pedem uma caricatura, quando não são "a própria..." O resto é questão de oportunidade e disposição.

CI - Todas as pessoas são passíveis de caricatura?

Ambrósio - Há tipos fáceis e tipos difíceis de caricaturar. Porque o importante na caricatura é revelar as características ocultas da personalidade, o imperceptível que todo o mundo olha mas ninguém vê. Às vezes, nem o próprio caricaturado.

CI - E como vai a produção de caricaturas?

Ambrósio - Parada. Falta tempo e sobram tipos.

CI - Além da caricatura, algo mais em arte?

Ambrósio - Pintura em guache, nanquim, óleo, lápis e aquarela. A filmagem submarina em Super-8 é um projeto que iniciei, mas ainda não deu o resultado que espero. Outro projeto iniciado e parado, é um desenho animado também em Super-8.

CI - É na COPEL, qual é seu trabalho mais importante?

Ambrósio - O trabalho quase sempre é de equipe, sendo o Plano de Expansão do Sistema de Transmissão, que se concretizou a partir de 77, e renova-se anualmente, o documento mais importante; serve de base para todos os estudos de expansão do nosso sistema que, assim, cresce de forma ordenada.

CI - Você fez Engenharia Elétrica, por quê?

Ambrósio - Desde criança tive grande curiosidade para com os fenômenos elétricos: mexia em motores elétricos e provocava curto-circuitos procurando descobrir o que era essa força mágica. Esse interesse foi aumentando e o curso de engenharia elétrica foi o resultado natural.

CI - E agora, já descobriu?

Ambrósio - Ainda não. E espero descobrir um pouco antes de me aposentar. Porém, antes de me aposentar.

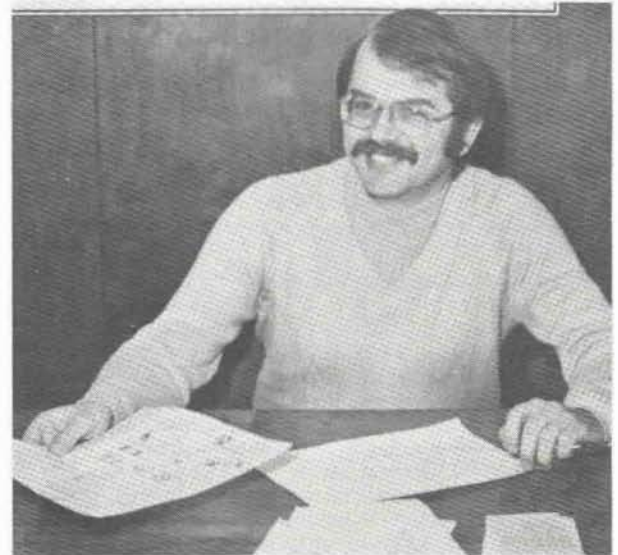
CI - Qual é o futuro do Brasil no campo da energia?

Ambrósio - A energia solar e um sistema de conversão e armazenamento em baterias de alta capacidade, provavelmente será a solução para além do ano 2.000. Enquanto isso, a energia hidráulica, conjugada a outras formas - entre elas, a nuclear -, vai solucionando os problemas.

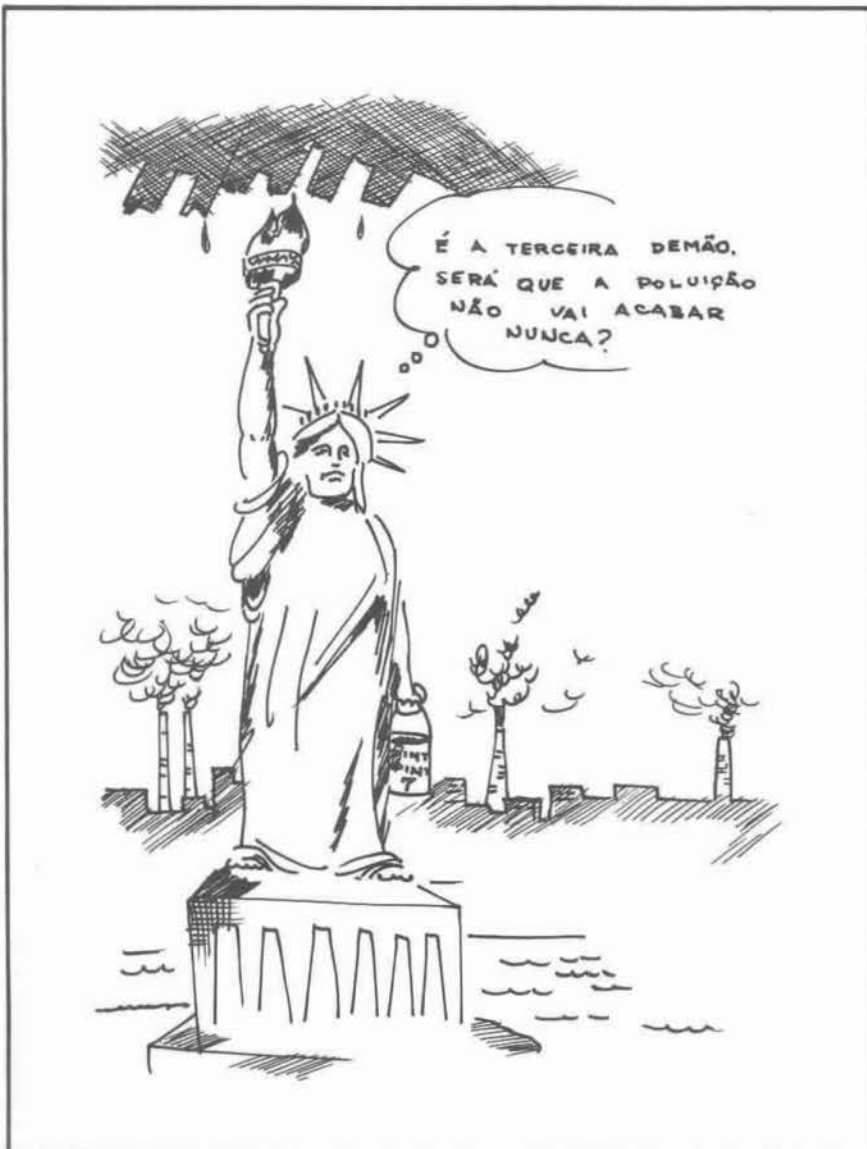
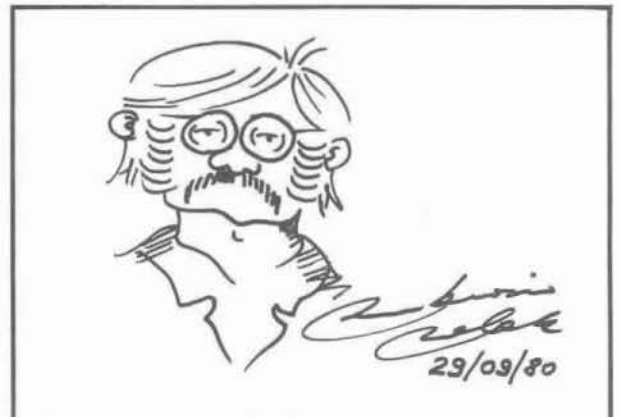
CI - Idéias novas?

Ambrósio - Repetindo Keynes: "Idéias novas - e viáveis - não faltam, o difícil é escapar das idéias ultrapassadas".

Quanto mais sério, melhor.



A auto-caricatura.





Glória Regina Flügel, secretária (DPUF/DDI), sete anos de Copel.
Glória Flügel, intérprete e diretora teatral desde 1974.

Vocês a encontram, sempre atarefadinha ("ah, essas cartas, e os telefones, que não param de tocar!"), no 8º andar do Ed. Bagé. Como atriz, vocês podem vê-la diariamente em suas duas primeiras experiências em "comerciais" para televisão — um anúncio de chá de ervas, onde fala (sem parar!) sobre as vantagens de tomá-lo; outro, para uma incorporadora, no qual não fala nada ("Limite-

to-me a agradecer com um olhar de débil mental a flor que me oferece o galã, segundo pede o inspiradíssimo roteiro...").

Alguns de seus mais recentes trabalhos no teatro: "Na Ponta dos Pés", de Cristóvão Faria Jr.; "A Noite dos Assassinos", de José Triana; "Bicho de Sete Cabeças", de Manoel Carlos Karam (todos como atriz); "Do Tamanho de um Defunto", de Millor Fernandes (diretora e intérprete); "Urubu", de M.C. Karam (atriz e cantora); "Baile do Pau Brasil", de M.C. Karam (intérprete e assistente de direção); "O Abajur

Lilás", de Plínio Marcos, e "As Primícias", de Dias Gomes (leitura dramática — atriz); "Pele de Cordeiro", show musical (diretora e cantora). Há poucas semanas, fez um curso de direção com Adherbal Jr., diretor vindo de S. Paulo. Para breve, direção de uma peça onde intervirão somente duas atrizes, com texto do Karam. Depois cinema (ainda na agenda) — um curta-metragem.

Foram quase duas horas de gravação. A seguir, o extrato possível face às limitações de formato do CI. Conheçam um pouco da Glória — uma pessoa muito lúcida.

CI — Glória, sabemos que você tem tanto a contar que — repare na originalidade! — seu relato não caberia inteiro em nossa edição normal de doze páginas. Sabemos também que seu dia comum de trabalho tem por volta de 28 horas. Como você consegue conciliar tudo? Quer dizer, como você encaixa suas oito horas e quinze minutos de expediente — às vezes, um pouco mais — com sua intensa e continuada atividade cultural e seus afazeres de dona de casa?

Glória — O meu modo de conciliar tudo isso aí é às vezes meio maluco... É mais ou menos como conciliar o inconciliável, sabe? Mas tudo acaba saindo, porque hoje estou bem mais organizada. Antes não conseguia fazer nada certo, nada bom. Hoje em dia eu estou conseguindo — acho que é a idade, não?

CI — Os anos "pesando"...

Glória — Os anos pesando (risos)... Enfim, estou conseguindo racionalizar melhor as coisas. Meus cursos, por exemplo — interpretação, direção, balé, o que me interessa, mimica, que vou fazer agora —, são sempre feitos à noite, depois das seis e meia, sete horas, até às oito. Quando há ensaios, não há cursos. Saio da Copel, faço o jantar, vou para os ensaios. Em época de "racha", o esquema é outro. Na semana de estreia, vou até meia-noite, varo a noite. Um esquema pesado. Não há muito tempo para pensar. Aliás, essa é uma das vantagens de acumular compromissos. Não se pensa muito, não se tem problemas, não há depressão também, coisa muito comum nos dias de hoje.

CI — Você está, na verdade, propondo a indispensabilidade do trabalho...

Glória — Pois é, todos os problemas das pessoas se resolvem no trabalho. As pessoas têm de trabalhar, se sentir úteis. Um médico de "cuca", amigo meu, comentou que a maioria de sua clientela é de mulheres. É a maioria delas não trabalha, em casa o serviço é tipo supervisão. Essas mulheres têm mais problemas pelo excesso de tempo livre, com certeza. Então acho que a melhor terapia é mesmo o trabalho. Não quero dizer com isso que eu possa chegar a ser uma estivadora...

CI — Aquela primeira pergunta veio, em parte, para demonstrar a algumas possíveis interessadas que, apenas idealizar o desenvolvimento de atividades paralelas às do homem, não quer dizer assumir-las verdadeiramente, que é o que você vem fazendo, nos parece.

Glória — O que ocorre em geral é o medo das mulheres de assumir alguma coisa, e quando isso acontece, elas assumem à sombra de seu homem. A grande maioria de nós ainda enfrenta muitas dificuldades, porque fomos até há pouco educadas para não pensar. Aparece então a dificuldade básica da mulher de expressar a sua individualidade, principalmente quando se trata de trabalho. Se atriz, trabalha à sombra do seu diretor — normalmente um homem... Uma secretária trabalha à sombra de seu chefe, quando muitas vezes ela está capacitada a realizar tarefas sem que seja à sombra de seu chefe. Ela pode criar um trabalho muito mais positivo não ficando atrás dele, mas sim junto com ele. As mulheres tiveram uma pseudo-libertação, uma falsa libertação, porque essa propalada libertação se resume apenas em quem lava a louça em casa. Deveria ser uma coisa mais ampla.

CI — Embora possa vir a fazer algum dia o desfile, carregando faixas até, você decididamente não é uma "liberadora de passeata"...

Glória — Essa feminista de classe média que a gente conhece — "Vou ao cinema sozinha, meu marido é que está cuidando das crianças" — é de

um nível muito medíocre. Enfim, não carrego mesmo essa bandeira de feminista — termo até meio pejorativo hoje, não? Penso que a mulher tem a obrigação de procurar achar o seu feminismo no sentido de transformar a realidade dela numa coisa maior. Se sou dona de casa, então quero as regalias e os direitos concedidos como a outro trabalho qualquer. E é um trabalho muito pesado, aliás. A briga, afinal, é dos dois juntos, homem e mulher, não divididos, separados, mas sempre juntos. É pena, mas são muito poucos ainda os homens feministas, lado a lado com as mulheres...

O maior exemplo de feminismo que eu tenho me é dado pela mulher que limpa a minha casa, a Dna. Iracema, um "barato" de mulher. Ela não tem realmente nenhum problema com o marido. Ela está preocupada em ganhar o seu pãozinho de cada dia, em criar os filhos dela, é isso o que ela quer. Trabalha pra burro, mesmo! Acho que está aí o melhor exemplo de feminismo dado pela mulher. O trabalho dela. Dna. Iracema tem os dois pés bem pregadinhos no chão... A feminista classe média muitas vezes não tem essa coisa real, o trabalho, para brigar. O trabalho força as pessoas a brigarem pela dignidade delas mesmas. Eu trabalho o dia inteiro, e não penso em parar de trabalhar. O trabalho significa a minha independência. A minha produtividade concorre para a minha independência econômica.

CI — Você antes chegou a dizer que jamais seria uma estivadora. Talvez não estejamos longe disso. Pelo menos, trabalhadoras braçais já estão sendo empregadas na construção civil — não lembramos se em Belo Horizonte ou Rio de Janeiro —, e muito elogiadas pelos feitores por sua dedicação e produtividade.

Glória — Bem, eu com 1 metro e setenta de altura e cinquenta quilos... fica mais difícil pra mim esse trabalho, não?

CI — Pensávamos para isso naquelas super-baianas...

Glória — Há mesmo mulheres impressionantemente fortes. E há, sabe, um culto da beleza — de ser magra, frágil, de não ostentar nenhum músculo —, um culto terrível. Aliás, uma das coisas que me atrapalharam muito, particularmente no teatro, porque, de repente, a minha cara passava a ter muito que ver com a escolha dos papéis. Eu consegui quebrar isso nas duas últimas peças que fiz. Nelas, eu fiz papéis masculinos. Fiz um velho, fiz Pero Vaz de Caminha, numa delas. Foi muito bom pra mim, porque meu corpo, a beleza feminina, não entrou nisso.

CI — E o casamento, você que fala sempre em viver a dois os problemas do homem e da mulher?

Glória — Eu ainda voto no casamento. Se bem que nele deva haver um tipo de relação de igual para igual, e a vontade mútua de permanecer sempre juntos. Isso é o fundamental, acho.

CI — De qualquer forma, você viveu em família, vive em família, e pode nos dizer algo a respeito do COF, hoje.

Glória — COF?

CI — Custo Operacional Familiar... (gargalhadas).

Glória — Uma doidice, né?...

CI — Questões rotineiras; tudo bem no serviço, na Empresa, durante esses anos alguma coisa a destacar de marcante?

Glória — Me tornei burocrata por acidente porque comecei a trabalhar muito cedo, aos quinze anos, para sustentar mãe e três irmãs — sustento algumas delas ainda hoje —, e assim deixei de fazer algum curso superior que apreciaria ter feito. Entrei na

Copel como recepcionista, e passei depois a secretária. Mas não consegui me achar como burocrata. Entretanto, estou num setor onde me dou muito bem com as pessoas, o ambiente é maravilhoso, as pessoas são muito amigas, todas elas, o meu chefe, inclusive, é excepcional (olhe, isso aí é em "off", hein? Desgrava, ou não escreve, se não o Dr. Cartaxo vai pensar que é "comercial", nada disso, sabe?). De importante, a mutação de menina-moça para mulher, fase que marca muito a gente, esse período de amadurecimento. E, é claro, a descoberta do teatro.

CI — Você antecipou o assunto antes, mas fica aqui a pergunta específica: teatro, o alimento de sua existência?

Glória — O teatro embriaga. Para mim é uma atividade fundamental. Me sentiria mutilada se tivesse de parar de fazê-lo. Acho até que todas as pessoas deveriam fazer teatro, porque é um modo de levar idéias, palavras, gestos, a outras pessoas. Pessoalmente, vejo o teatro como uma intervenção estética na realidade. Não o entendo somente com implicações políticas, pois elas existem. Mas interesse-me é por fazer bons trabalhos.

CI — No palco, o desejo de ser reconhecida, amada, ou a intenção de mudar o mundo?

Glória — Teatro não muda o mundo. Através do teatro pode-se levar esclarecimento a algumas pessoas, porque o público é sempre restrito. A mudança se verifica pelo trabalho, unicamente pelo trabalho.

CI — Dança, um pouquinho a natural vaidade feminina, um pouco esse desejo que todos temos de vencer a gravidade, flutuar no espaço, levantar, ou muito a necessidade de educar o corpo para a pronta e exata expressão gestual em cena?

Glória — De tudo um pouco, naturalmente. E a minha grande frustração é não ter conseguido fazer isso por inteiro. Esses dias atrasei outro curso de dança. Esses cursos são no geral muito caros, e me faltou... "tempo"...

CI — Televisão, só reforço orçamentário ou meio de expressão? Ou ambos?

Glória — Só como saída orçamentária. Acho a TV muito manipulada para o meu gosto. Novela eu jamais faria. Prefiro mesmo o teatro.

CI — E a fotografia?

Glória — Fotografia foi uma coisa que descobri mais recentemente, através de meu marido, que trabalha com isso. Por meio dele, passei a redescobrir as pessoas, as crianças. Foi como ver o mundo através de um novo ângulo, o ângulo da lente. Faço muito fotos de mulheres, atualmente. Para elas, é como que uma redescoberta do rosto, do corpo, do seu ser, e de como elas não mais serão daqui há alguns anos, fisicamente falando. Revelar eu sei, mas não gosto. Prefiro trabalhar só na ampliação, onde acho que posso pesquisar melhor.

CI — Sobrou tempo para as leituras?

Glória — Procuo aproveitar meu tempo livre (sic!) com leituras variadas, porque não tenho tempo para uma planificação determinada. Parece que acontece com todo mundo isso, hoje. Tchecov é um dos autores de que mais gosto. Mas aprecio especialmente a literatura latino-americana, aquela fantástica, Garcia Marques, as ficções alegóricas dele. Gosto também de histórias em quadrinhos, todos os tipos de "gibis". Não leio jornais. Não gosto. Mas leio sempre alguma revista semanal, para estar em dia com o mundo. Ajuda a confirmar que estamos todos nele ainda, apesar das ameaças seguidas de conflito nuclear...

Usina hidrelétrica de Guaíra em despedida

Antes que a Usina de Guaíra desapareça para ceder lugar a uma hidrelétrica maior — Itaipu — CI foi conversar com alguém que viu a usina nascer e cresceu com ela. Entrevistou um operador que contou a história da usina, não sem um ar de tristeza, lembrando que foi o primeiro e último operador. Arnaldo Dalla Costa — um gaúcho de Erechim — e José Pereira de Oliveira são os operadores mais antigos. Copel Informações conversou com o Arnaldo, encarregado da operação.



CI — Quando começou e como foi?

ARNALDO — *Iniciei em 13 de novembro de 1959 como carpinteiro, na construção dessa usina. O órgão responsável era o Serviço de Navegação da Bacia do Prata — SNBP.*

CI — E na operação, trabalha desde quando?

ARNALDO — *Desde 20 de julho de 1960. Da SNBP passei para o MME e em 1966 para a COPEL.*

CI — Vejo que você está bem equipado. Como era a segurança, nessas Empresas?

ARNALDO — *Não havia nenhum incentivo. Para dizer melhor: nunca tivemos reunião de segurança, antes da COPEL. Mesmo assim, fomos felizes e nunca ocorreu acidente na operação.*

CI — Então são 20 anos...

ARNALDO — *E 20 anos de serviços constantes. São 175.200 horas de presença viva na usina, sem acidentes.*

CI — E como era o José Pereira, que entrou na mesma época?

ARNALDO — *No começo, ele não sentava no horário de serviço; sempre atento e preocupado que pudesse acontecer algo. Hoje, pelo peso da idade, ele pode sentar, mas mesmo assim, fica muito alerta e atento. Isso, quando senta...*

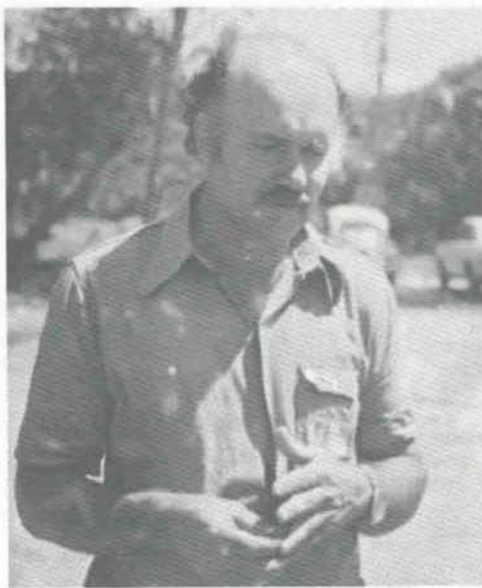
CI — Arnaldo, e a família?

ARNALDO — *Sou casado com Maria Cleuza, desde 1972. Tenho 3 filhos: Márcio, Marli e Marlei.*

CI — Contaram que o filho mais velho é bom pescador.

ARNALDO — *É sim, ele tem 6 anos e já pegou um peixe de 5 quilos!*

"Ainda há pouco tempo tínhamos 17 pintados amarrados num poste aí perto do canal. A média deles dava 20 quilos".



Arnaldo

CI — (Espere aí que caiu uma nuvem!) Dizem que gosta da usina.

ARNALDO — *O maior prazer dele é passar o dia na usina, mas fica triste quando lembra que a usina vai desaparecer. Pergunta "onde o pai vai quando a usina inundar". Claro que eu fico sem resposta. Eu percebo que ele ama aquela usina e seu desejo seria trabalhar nela.*

CI — Morando aqui, certamente tem boas histórias de pescaria.

ARNALDO — *Há alguns anos atrás, os operadores tiravam livre o ordenado do mês. É que só com os peixes que pescavam e vendiam, supriam tudo em casa. Eu até peguei peixe de 40 quilos. Em certa época, o canal da usina servia como viveiro das nossas pescarias e uma vez tínhamos 17 pintados amarrados num poste aí próximo. O menor deles pesava 20 quilos.*

CI — E aqueles jacarés?

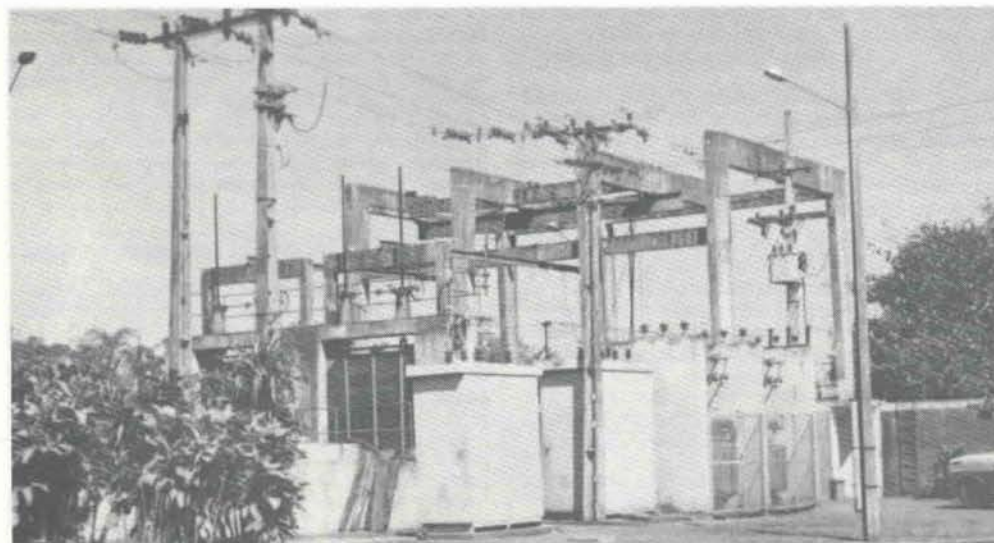
ARNALDO — *Nas enchentes eles aparecem no pátio e nas grades do cubículo da usina. Certa vez pegamos um aí na grade e o amarramos neste poste do pavilhão. Pesava mais de 100 quilos.*

CI — Bem folclórica, essa usina!

ARNALDO — *Isso não é nada. Tinha a morada de uma sucuri, aí no Salto Guaíra. Não era tão grande — pouco mais de 5 metros —, mas era muito nossa amiga. Viveu uns três anos aí com a gente e depois, com a presença de outros operadores, ela resolveu mudar de casa. Não a vi mais...*

CI — (Claro que ela se despediu de vocês, não?) E se você contasse a história da usina para alguém...

ARNALDO — *Nossa usina é tão pequena que já ouvimos dizer por aí que "isso aí é uma usinoca". E isto nos aborrece muito porque dentro desta usinoca existem seres humanos, como nas grandes usinas. E estes seres também são gente como a gente; também têm familiares; também recebem instruções sobre segurança e também participam dela! Das pequenas coisas é que surgem as grandes causas. Nós que acompanhamos a usina desde os*



Vista da usina. Ela vai sumir.



A entrada para a usina, vendo-se ao fundo o canal de adução.

"Aqui jazem as 7

Às vezes confundidas com as Cataratas do Iguaçu, as Quedas de Guaíra, no rio Paraná, são capazes de impressionar — até mais que aquelas — qualquer exigente turista. A vista do Paraguai ali adiante, a linha de energia elétrica atravessando os saltos, os balanços nas pontes, os precipícios, o ar (não se faz mais ar como aquele!) a natureza (então lagartixas, passarinhos, árvores, pedras, água, ar puro e sol não são natureza?) — um completo "menu" para "une promenade" de primeira grandeza.

A cidade de Guaíra é lembrada por causa das 7 Quedas. E é também esquecida por causa delas. Pelas 7 Quedas que vão desaparecer. É o fantástico, o deslumbrante dando lugar ao progresso. Sem pedir licença. Cedendo à necessidade do progresso, cedendo para Itaipu. Uma necessidade que se criou, uma troca exigida pela evolução e pelo crescimento para que ele se torne continuado. E parece que as 7 Quedas tiveram muita sorte de serem pouco conhecidas. Assim, pouca gente vai sentir saudade. Assim, elas vão deixar reminiscências para muita gente. Uma catástrofe menor. E mais tarde, pelo menos eu vou poder contar o que vi. Mesmo que as palavras não impressionem tanto quanto a vista, tanto quanto a imagem. Mas quem não viu, não mede.

Ainda tive tempo de ver as Quedas. A maravilha que a natureza criou e cuidou com tanto carinho. A maravilha que o homem des-

Londrina, várias histórias

A história da energia elétrica na região de Londrina começou em 16.09.38, quando uma aldoeira fez funcionar uma máquina – era uma caldeira Taruma. A última leitura, nessa máquina, aconteceu em 24 de dezembro de 1945.

CAMBÉ, a primeira hidrelétrica, foi inaugurada oficialmente em 1939, a 1º de dezembro. Desativada às 21h30m de 11.09.67.

TRÊS BOCAS, inaugurada em 01.02.43, ainda está na ativa, após ter passado por reformas que duraram cerca de 120 dias, neste ano.

ARAPONGAS teve instalada a primeira Usina Térmica. Inaugurada em 7.4.43, quebrou um mês depois. A solução encontrada, na época, foi muito curiosa mas resolveu o problema – adaptaram um trator que conseguiu deixar em funcionamento a usina até que um dia, ele quebrou também. Mas funcionou por mais de um mês. Pelo menos o pessoal da região, todo garboso, diz que a usina de Arapongas foi a única, até hoje, que funcionou adaptada a um trator, mantendo ligadas, pelo menos, 75 residências. Entretanto, em 15.11.43, a usina térmica voltou a funcionar e só foi desativada em 23.9.51.

APUCARANA também teve sua usina térmica. Começou em 28.10.44, atendendo 16 residências e 56 lâmpadas incandescentes de 40 W. Foi desativada 3 anos mais tarde, em 01.01.47. Nesse dia, Apucarana começou a ser atendida através de uma linha de 11kV, até 15.03.48, quando o contrato que mantinha com a EELSA foi rompido.

LONDRINA possuiu uma usina térmica em três fases: o primeiro motor funcionou de 23 de setembro de 1945 até 24.11.50; o segundo, de 4.3.46 até 23.11.50 e o terceiro motor foi ligado em 9.10.47 e desativado em 30.9.1949.

Foi também em 1949 que aconteceu a primeira grande inauguração no setor: a Subestação "Roland Davis" (88/11 kV). Eis a ficha: Data - 17.06.59; Engenheiro Auxiliar - Wilson da Silva; Encarregado SE - Hugo Bock; Operadores - Osvaldo Germano e Nelson José Nicolau.

Luiz Muraska, admitido na Empresa Elétrica de Londrina S/A, em 8 de maio de 1946, agora é chefe do almoxarifado da COPEL em Londrina, desde a incorporação da EELSA, em 31.5.74.

Celibatário, contador de histórias, fogação e muito minucioso quando fala das histórias de sua vida particular, Luiz deu especial atenção para o CI com informações – sempre muito precisas (dizia até as horas dos acontecimentos) – sobre a energia elétrica na região de Londrina. Até nos contou fatos interessantes ocorridos em 1947...



José Pereira e Arnaldo: os operadores mais antigos de Guaíra.

primeiros passos, crescemos com ela. Foi inaugurada em 20 de agosto de 1960. Era um sábado, às 11 horas da manhã. Sei o nome de toda a gente que estava aqui. O Presidente era o Juscelino. Depois de inaugurada a grande usina, a cidade de Guaíra recebia luz dessa usina.

Operadores não têm sábado, domingo ou feriado, não importa a chuva, a noite – sempre estão lá. Mesmo nas duras madrugadas. Sempre... quase esquecidos. Quase, porque quando acontece uma interrupção, lá vêm eles gritando: "Como é, vai acender essa porcaria?"; – "Faz mais de meia hora que estamos sem luz!" – "Cobrar vocês sabem muito bem!".

Na verdade, houve apenas um minuto de interrupção. O operador, entretanto, mantém-se calmo, sempre...

CI – Parabéns. Um grande abraço a você e a todos os operadores.



Luiz

Quedas de Guaíra"

cobriu, desceu e vai mandar abaixo d'água. Por força do progresso, é claro. Muito bem justificado. O belo dando lugar ao necessário, ao preciso, ao urgente (entenda-se belo como "aquilo que agrada a vista" (id quod visum placet – São Tomás) e não como aquilo que é bom para ser visto).

Não importa que a levem. Essa maravilha está muito bem gravada aqui na memória. Células fotomnemônicas arquivadas vivas. Inclusive as imagens. Assim, o rio Paraná – uma serpente grande, deitada, farta, morta – acima das quedas. Logo abaixo, a mesma serpente, furiosa, faminta, contorcendo-se, como que atingida por um projétil. Mas sempre maravilhosa, empolgante.

Como é que a natureza pródiga, dia após dia, ano após ano – há milhões deles – ainda consegue jogar com tanta impetuosidade, tanta água para dentro daquelas gargantas ávidas, sôfregas, imponentes como canapês – as quedas maravilhosas?

Um arco-íris aqui, um nevoeiro ali, bosques cá e acolá, intercalando saltos, cascatas, paúis, pedras, pontes pênseis e água, muita água. Onde mais poderei ver isso?

Eu ainda consegui ver. Depois mais, contarei fantásticas histórias que você que não viu, com certeza, não vai acreditar. Mas será tarde demais. Elas já estarão submersas com as águas que geram 12 milhões e seiscentos mil quilowatts de progresso e de evolução.

APUCARANINHA

A paisagem bucólica da região parece confundir-se com o homem tranqüilo e simples que forma a comunidade da Usina de Apucarantina. Situa-se a uns 60 quilômetros de Londrina.

A vila residencial, pequena, mas com construções novas e bonitas (quando passou para a COPEL, a vila foi transferida da usina para um lugar mais alto), parece que paira, no silêncio, no ar agradável ou no horizonte deserto. Mas há ali na vila, uma escola, "play-ground" e até um

clube, pequeno, mas que "anima" o pessoal da vila, de vez em quando. Da rua vazia ouve-se uma música muito alta e se vê algumas pessoas nas janelas. (A rua central tem até praçinha e contorno!).

O clube tem lá o seu baizinho, mesa de bilhar e o salão de baile e festa. O encarregado do bar é o "Zé" – estava de férias e teve tempo para mostrar-nos as instalações. "Peraí, se você vai tirar foto do clube, deixa eu colocar o poster do timão". Correu até em casa, trouxe o poster, trouxe um disco e uma máquina fotográfica. "Vou mostrar uma das músicas boas que a gente toca no salão (regionalista e de muito bom gosto!) e depois



Usina de Apucarantina.

quero tirar uma foto de vocês para guardar de lembrança, é colorida”...

Bem mais abaixo da vila, lá embaixo, a usina de Apucarantina, a grande central geradora – inaugurada em 1949, que seria, e foi, a solução energética para a região – com seus aproximadamente 10 MW, na super-geração. Na chegada, o impacto que o local causa ao primeiro olhar, é impressionante. A água correndo, com algum ruído vindo mais de longe (água como há tempo não via – cristalina, sim senhor!), a im-

nente e arrojada construção para a casa das máquinas abrigando os três geradores, aqueles mil e tantos metros de tubos que conduzem a água da represa até a usina. Subindo pelo riacho, vê-se a queda d’água. Ali sim, a natureza esnobou. Um filete de água cai de 118 metros de altura – o “saltinho”, como dizem.

Não é que a importância da usina esteja ligada ao fato de ter duas represas. Isso não. Acontece que uma represa controla a vazão da outra. A maior é a do “fui” (originalmente deveria ser “fio”),

com barragem de 60 metros de comprimento e 15 de altura. Com duas comportas – “só que uma não funciona, emperrou” –, segundo o Teodomiro Mendes Sobrinho, encarregado da barragem. Falando a respeito, seu Teodomiro, que está aguardando impacientemente a aposentadoria, disse que já mediu a barragem “uma três ou quatro vezes – sempre esqueço a altura e comprimento”, e sorriu cansadamente, deixando as mãos pousarem nos quadris e o olhar perder-se no reservatório, pensativo... ▷



À porta, camisa branca e chapéu, o Luiz Muraska.



Apucarantina, 1946. Início da construção.

“Fins de 1947. Construção da usina de Apucarantina, grande central geradora de energia. Na obra, era proibido qualquer tipo de jogo e bebida. Entretanto, os viciados aportavam o boteco do Plutarco Silveira Martins, nos dias de folga – o que era muito raro – e além de umas e outras, jogavam “ronda”, “vinte e um” ou “caxeta”.

Dia desses, entre outros, Antonio Monteiro da Silva, Gumercindo Ribeiro e João Manoel Filho foram ao boteco para jogar e beber. Estenderam as capas para frio no chão e formaram o jogo. Em volta do boteco, uns sessenta índios. Por safadeza, todos atendiam os pedidos de pinga que uma índia fizesse. Acontece que índio depois que começa a beber, não para mais, passando a exigir com certa impertinência o líquido gostoso, e somente sossegavam quando estavam bêbados. Aí dormem em qualquer lugar. Os que jogam não gostam de ser importunados, mas como sempre estão acompanhados de uma garrafa de goiofá (pinga) e as índias são as mais “pidonas”, ficavam em volta dos jogadores olhando e pedindo...

Certa altura, o Gumercindo, que já estava meio alto e perdendo no jogo, proibiu a pinga para as índias. Como elas não desistissem, sacou da peixeira e bateu de prancha no rosto da que estava mais perto e a faca, evidentemente muito afiada, feriu o rosto da índia. Começou a sangrar muito, e os índios se revoltaram. A partir daí todos os índios – homens, mulheres e crianças se muniram do que tinham ou do que encontravam – faca, pau, pedra ... e o pessoal que não estava jogando percebeu a revolta e se arrancou. Inclusive o dono do bar, saiu a cavalo tentar socorro da polícia em São Roque – hoje Tamarana. Somente aí os jogadores descobriram que estavam cercados. Estes, não sabendo como fugir, entraram no boteco de pau-a-pique e começaram a jogar garrafas de pinga para agradar os índios e tentando ganhar tempo para não serem moídos a pau pelos índios. O pessoal que conseguiu escapar antes do levante, viu que os três entraram no boteco e que os índios haviam cercado tudo. Vieram avisar-me no escritório.

Sabedor que era de que índio bêbado e com raiva é incontrolável, eu tinha que tomar alguma providência. Nos dias de folga eu ficava sozinho na obra. O Doutor André ia para Londrina e o encarregado geral, o “gaúcho”, ia caçar. Face ao exposto e embora sabendo que não podia usar arma, mas com intenção de intimidar os índios, convidei o feitor José Bezerra, botei o “H.O. 38”, cano longo, na cinta e fui tentar tirar o pessoal encurralado. Chegamos ao local com medo, mas com cara feia e bastante sérios e para nossa admiração, os índios foram abrindo passagem. Entramos no boteco, já cientes do ocorrido, combinamos que empurraríamos todos para fora, falando alto e bronqueando. Os índios acreditaram que aquilo era o início da punição e nos deixaram passar sem molestar. Entretanto, o Antonio Salustiano de Carvalho, vulgo Antonio Louco (que Deus o tenha), ficou para trás querendo saber o que os índios entenderam pois não tinha medo e conhecia bem os índios. Num descuido, deu as costas aos índios e levou uma cacetada no

capacete que saltou longe. Saiu meio tonto, correndo para nos alcançar e relatar o acontecido. Até hoje ninguém entendeu bem porque os índios não me atacaram. Eu acho que foi porque a EELSA dava carona em seus caminhões, desde que eles tivessem uma autorização pessoal assinada por mim. Hoje não arriscaria tirar ninguém dos índios, mas na época, eu tinha apenas vinte anos...”

“Na chegada dos peões, as malas eram abertas na minha frente e as armas eram guardadas no cofre e devolvidas quando “o galo de briga” era demitido. De vez em quando se fazia uma visita de sopetão nos barracos para ver se pegava alguém jogando ou bebendo. Nunca se flagrou ninguém apesar dos espíões. Acontece que os mais viciados entravam no mato e jogavam e bebiam à luz de lanternas de querosene. Depois diziam que com peão não há quem possa e aplicavam a sua filosofia: “Peão falta um grau prá ser doutor e meio grau prá ser burro”...



O equipamento para usina Três Bocas, em 1942.



Teodomiro: "Esqueci..."

Ao lado da represa menor, bem mais abaixo, localiza-se a casa de visitas, cuidada e conservada pela Maria Bock de Oliveira, uma senhora simpática, sofrida e atenciosa. Aí mesmo, nessa casa, ela conversou com o CI, medindo e pensando as palavras.

...

CI - Há quanto tempo trabalha aqui?

MARIA - Cuido da casa de visitas há 26 anos, mas cheguei aqui na usina em 1951.

CI - Abrindo os caminhos?

MARIA - Fui das três primeiras famílias que aqui chegaram. Viemos de São Paulo, meu irmão era o encarregado da usina. Viemos todos para cá.

CI - Acostumou-se bem?

MARIA - Bom, para falar a verdade, quando vim para cá, passei os 30 dias do mês chorando. Isso era uma mata virgem.

CI - E depois?



Maria

MARIA - Me acostumando e gosto muito daqui, agora.

CI - Como eram os dias?

MARIA - Como podiam ser se havia apenas três famílias? Não tinha sábado, domingo ou feriado. Era tudo igual...

CI - O outro pessoal, veio quando?

MARIA - Aos poucos foi aumentando a usina e vieram mais famílias, mas demorou bastante para ter toda essa gente que tem agora. Meus irmãos foram. Eu fiquei e casei aqui.

CI - Quando isso?

MARIA - Em 1951. Ele trabalhava aqui, nos conhecemos, casamos.

CI - O namoro aqui, "bem escondido", devia ser bom...

MARIA - Como era tranquilo! Não tinha outros divertimentos, só podia namorar.

CI - E a vida foi passando...

MARIA - Abri a escola daqui. Não tinha movimento nenhum. Eram pessoas que saíram do mato, achavam que para ensinar era suficiente o que eu sabia. Relutei, mas... E fui civilizando as pessoas que moravam por perto, que eram muito acanhadas, por sinal.

CI - E, agora, a COPEL.

MARIA - O pessoal da EELSA era muito amigo. Eu gostava muito deles. Entretanto, aqui na hospedaria, a gente recebia pouca gente. No início fiquei com medo que não daria certo com a COPEL, mas Graças a Deus, foi tudo muito bem. Este pessoal da COPEL vem muito aqui e eu converso com todos, gosto muito de conversar. Estou muito satisfeita com a COPEL e considero todos como irmãos.

CI - Como é o final de semana aqui?

MARIA - Vamos nos vizinhos, assistimos televisão e só. Nas férias, a gente some daqui.

CI - Já aconteceu alguma coisa interessante com a senhora?

MARIA - Muitas. Uma vez a gente estava, numas dez pessoas, dentro de uma canoa, ali na barragem. Era um domingo, a gente estava passando tempo. Aí eu falei que quem tivesse mais pecado ia cair dentro do lago, ao sair da canoa. Não demorou nada e não deu outra: lá fui eu para água...

CI - Filhos.

MARIA - Tive um filho que Deus levou aos 17 anos de idade. Agora tenho dois, adotivos.

CI - Vida.

MARIA - Algo que tem muito valor mas que é uma ilusão - gostosa em certos momentos. Não sempre, é claro.

CI - Morte.

MARIA - Acho que não é muito boa. Mas é verdade.

CI - Música.

MARIA - Roberto Carlos - "Gostaria de ser civilizado como os animais" (O Progresso) e "Um milhão de amigos" (Eu quero apenas).

CI - Vinte horas.

MARIA - Assistindo novela.

CI - Aposentadoria.

MARIA - Gostaria de saber quando virá a minha.

CI - O que a senhora mais quer na vida?

MARIA - Vencer esta batalha (vida) até o fim.

CI - E depois?

MARIA - Viver aqui mesmo. Não na COPEL. Prá lá da ponte. Mas receber os mesmos amigos que tenho aqui.

CI - Que tudo se realize.

MARIA - Muitas felicidades prá você.

Fortunato, parabéns!

A pacata localidade de Irerê, perto de Londrina, foi palco de um fato que movimentou a vila e que vai ficar na história dos moradores e do povo da região. Fortunato Figueiredo Neto foi participante ativo da cena - um salvamento através de respiração artificial e massagem cardíaca.

Fortunato é o eletricitista plantonista de Irerê e aprendeu a aplicar os primeiros socorros com treinamentos recebidos na COPEL. Depois, contou para CI como aconteceu.

CI - Quando foi isso?

Fortunato - Foi no domingo, dia 27 de julho. Amanhecera bonito, muito ensolarado e prometia ser dos melhores para a partida de futebol que travariamos contra a Fazenda Imbaúba.

CI - O como aconteceu?

Fortunato - Realmente o jogo teve início e seu desenrolar apresentava-se muito movimentado e difícil. E num lance um tanto perigoso, dentro da grande área, o goleiro saltou para a bola, fazendo uma bonita "ponte", caindo por cima do atacante adversário e, em seguida, ao solo. Na queda, bateu violentamente as costas no chão. Contorceu-se por instantes. Ficou inerte, em seguida. Todos pensaram tratar-se de "cera" para esfriar o jogo. Mas o rapaz não se movia. Aos poucos todos perceberam tratar-se de algo mais grave.

CI - Quando e como você entrou em ação?

Fortunato - Hesitei por alguns instantes. Tomei coragem, afastei os colegas e o examinei. Percebi que apresentava cor arroxeada, não tinha movimento respiratório e o ar não era percebido pela boca e nariz; para complicar, as pupilas estavam completamente abertas, dilatadas, quase do tamanho da íris. Tratava-se de uma parada cardíaca e respiratória. Assumi a posição de socorro. Apliquei respiração artificial e massagem cardíaca; mais duas respirações artificiais e mais quinze massagens cardíacas.

CI - E os outros?

Fortunato - Espantados e curiosos. Logo a vítima deu os primeiros sinais de vida. Abriu os olhos e gemia de dor, mas o que importava era que ele estava vivo.

CI - E depois?

Fortunato - O rapaz foi levado para o Pronto Socorro e depois para Londrina, onde foi medicado. No local do acidente todos ficaram a comentar o ocorrido. Alguém me perguntou se eu seria capaz de fazer o mesmo se a vítima fosse do time adversário e de cor preta. Eu disse que uma vida não tem preço e nem cor. Importava que o rapaz estava vivo e em condições de estar com a gente.

CI - O jogo terminou por aí mesmo?

Fortunato - Não. Continuou, porém sem aquela rivalidade inicial. Todos estavam chocados com o ocorrido.

CI - O rapaz recuperou-se bem?

Fortunato - À noite houve uma festinha e para espanto geral, o Uilton (esse é o nome do acidentado) estava lá totalmente restabelecido. E ele tinha toda uma vida pela frente...

CI - O que você sentiu?

Fortunato - Para mim ficou a prova viva da experiência bem sucedida. Guardarei para sempre em minha memória aquele primeiro olhar de eterna gratidão, do meu companheiro restabelecido.

CI - Caso você não estivesse por lá...

Fortunato - O nosso cotidiano é tão imprevisível. De repente somos apanhados de surpresa para colocarmos em prática nossos conhecimentos.

CI - Aceite os cumprimentos de toda a família copeliana.

Luiz Fernando, o do trombone

Atenção: a arte está moribunda. Aliás, parece que o amor pela música não existe mais como amor pela arte. É uma dissintonia que aparece clara. Os que ainda entendem de música, ad exemplum, não raro, o fazem por uma reversão financeira exorbitante que, por certo, virá mais tarde. E a música como arte está sendo massacrada pela música de linha de montagem - industrializada "enlatada", os cassetes, etc... O músico não tem mais lugar para mostrar sua arte em público.

LUIZ FERNANDO DA SILVA RODRIGUES é copeliano e é músico. Trabalha na Empresa há 18 anos, desenvolvendo, atualmente, seus serviços no DPCT, onde é Supervisor da Seção de Contas de Pessoal, da DVRE. A seção é responsável pelas contas de pessoal (não do pessoal...), adiantamentos de viagens, contas da folha de Pagamentos, apropriações de mão-de-obra, controle do pessoal licenciado, entre outras atividades.

Fernando é casado com Ligia Maria Passos Rodrigues, também trabalhando na Empresa, com quem tem dois filhos: Enio e Telma, 12 a 10 anos. "Copel Informações" conta mais alguma coisa a respeito dele.

CI - Como é sua vida fora da Empresa?

FERNANDO - Gosto de viagens com a família. Praia, um churrasquinho com os amigos. Gosto de estar com a família, além de tocar trombone de vez em quando. Antes a gente tocava mais seguido. Agora muito pouco...

CI - Desde quando você "põe a boca no trombone"?

FERNANDO - Na minha família ninguém foi ou é músico. Nem eu devia ser, porque não gostava dela. Aliás, comecei a me interessar pelo trombone porque gostei do instrumento, não da música. Depois tive que aprender música também. Hoje gosto muito da música. Uma pena é que falte campo para a gente. Existem os bailes tocados com o som (cassetes, discos...) e isto atrapalha a atividade do músico. Acho que um pouco o músico também é culpado, porque não se apresenta mais por amor à arte. Vai logo perguntando "quanto é que levo nisso?" e é sempre uma quantia bastante alta.

CI - Como foi o começo?

FERNANDO - Tinha 19 anos quando comecei. E em 1959 eu já era ritmista na orquestra Pinguim. Continuei aprendendo música e mais tarde, em 1961, passei a trombonista na orquestra Havai, onde estou até hoje. Só que hoje a gente só toca nos carnavais. De 67 para cá, quando as orquestras

"... eu, vermelho não fico. Pode, é subir aquele calorão..."



Luiz Fernando

começaram a desaparecer por falta de não sei o quê... de campo, talvez.

CI - E hoje?

FERNANDO - A gente precisa de muito tempo que a gente não tem. Agora é só carnaval. Ou de vez em quando a gente vai substituir um instrumentista que falta em outra orquestra. Neste ano completei 23 carnavais, sempre participando da animação dos bailes e já estamos contratados para 1981.

CI - Nesse intervalo de um carnaval e outro?

FERNANDO - Chega quarta-feira, guardo o meu trombone e só vou revê-lo uns dois meses antes do outro carnaval, para os ensaios.

CI - E seu primeiro trombone?

FERNANDO - Comprei em 1958 de um cara que tocava na banda de Piraquara. Custou 4 mil réis e me desfiz dele há três anos, quando, através de uma rifa, arrecadei a vultosa quantia de Cr\$ 500. Veja que só consegui comprar um novo, nacional, em 1977. Esse instrumento é muito caro, o importado custa em torno de Cr\$ 50.000,00. Naquele tempo as lojas não vendiam a crédito aqui em Curitiba. Nem o instrumento existia aqui. Tinha que vir de São Paulo. Dei um duro danado pra conseguir os 4 mil réis. Talvez mais do que para conseguir os 10 mil cruzeiros que paguei pelo outro, há três anos.

CI - Qual é a música boa?

FERNANDO - Aquela em que o povo entra. É boa quando o povo participa. Música popular...

CI - O melhor trombonista?

FERNANDO - Glenn Miller. Vivo, acho o Raul de Barros.

CI - Algum fato interessante que tenha acontecido com o trombonista Fernando?

FERNANDO - Foi num baile de Natal, em 1962, na Sociedade URCA. Todo mundo tocando tranquilamente, quando a vara do meu instrumento escapou e foi parar no meio do salão. Caiu lá de cima do palco. Por sorte ninguém pisou. Eu só fiquei olhando, porque eu, vermelho não fico, só sobe aquele calorão...

CI - Na COPEL, como vai o setor de controle...

FERNANDO - Sob controle.

DESCENTRALIZAÇÃO LEVA O PROGRAMA ATAC A MARINGÁ

Pela primeira vez o Programa ATAC-Aperfeiçoamento Técnico de Atendente de Consumidores, deslocou-se para o interior do Estado visando treinar novos empregados, atendentes de consumi-

dores em agências e sub-agências. Essa primeira experiência de descentralização teve a cidade de Maringá como sede, onde, durante uma semana inteira da primeira quinzena de setembro, reuniram-se



Especial... muito especial, esta pose.

atendentes selecionados em todas as cinco Regionais da Empresa.

Os técnicos Ari José Stocco e Gerson Leprevost, ambos do DPDP, foram os encarregados do Curso. E os primeiros atendentes treinados fora de Curitiba foram Antonio Ditzel, da Agência de Irati; Eduardo Dalbello Junior, da Agência de Campo Mourão; Manoel Norberto Franco, Marcos V.S. França e Eliana Abreu Mariano dos Santos, da Agência de Curitiba; Celso Osmarino Parpinelli e Orlando Martins Ferreira, da Agência de Londrina; João Alves Martins, da Agência de Goioerê; Juarez Lessa, da Agência de Francisco Beltrão; Sílvia Helena Assis, da Agência de Cascavel; Ivone Zanarde, da Agência de Apucarana; e Roberto Barreto, da Agência de Paranavá.

CURSO DE TARIFAS

Ainda em Maringá, logo após encerrado o Curso do Programa ATAC, os mesmos instrutores do DPDP ministraram um curso sobre tarifas destinado a gerentes comerciais, que contou com as seguintes participações: Oreste Umberto Jorra (Ibiporã), Joaquim Pedro de Almeida (Cruzeiro do Oeste), Silas José dos Santos (Ubiratã), Thereza Giovannelli (Alto Piquiri), Maria Helena Baeza (Marialva), Valter Ferrari (Nova Londrina), Sanderson Almeida (Mandaguari), Jaime Ferreira (Mandaguari), Laércio Ferreira (Cambé), André Luiz Gonçalves (Ivaiporã), José do Espírito Santo Soares (Assaí), Domingos T. Dal Posso (Laranjeiras do Sul), Joaquim Gimenes (Altônia), Marçal Antonio Sartori (Palotina), Benedito Sperandio (Centenário do Sul) e João Krausse (Corbélia).

A COPEL patrocinou a 32ª Reunião do Subcomitê de Serviços e Consumidores - SCS, do Comitê de Distribuição - CODI, a qual foi realizada em Curitiba nos dias 18 e 19 de agosto.

O Subcomitê é constituído, além da ELETROBRÁS e DNAEE, pelas empresas estaduais de energia elétrica da Região Sul e Sudeste - CEEE, CELESC, COPEL, CESP, CPFL, LIGHT, CERJ, ENERSUL, CELG, CEB, ESCELSA, CEMAT e CEMIG. Além destas empresas, participa das Reuniões um elemento do CPC/CON, representando as Companhias da Região Nordeste.

Os participantes tiveram também a oportunidade de visitar a "I Feira de Sistemas e Equipamentos - Solução Energética Brasileira", e assistir as palestras do Dr. DOUGLAS SOUZA LUZ e Dr. PEDRO DEMETERCO.

ESTÁGIO

- No período de junho a agosto esteve estagiando na CIPS - Central Illinois Public Service - USA, o Engº NELSON SILVA, Assistente Técnico da Superintendência Comercial de Distribuição.

O estágio foi programado pela ELETROBRÁS, em complementação ao Curso CADIS - Curso Avançado de Engenharia de Distribuição, realizado na Universidade de São Paulo no período Jan/Dez/1979.

OPERÁRIO PADRÃO

Dois empregados da Empresa ficaram classificados na primeira etapa do concurso Operário Padrão-80, que abrange empresas de todo o Estado do Paraná, numa promoção do SESI.



TIZIANO TUBIANA, casado, 3 filhos, 45 anos de idade, 15 anos de COPEL, exerce o cargo de Auxiliar Técnico, em Campo Mourão.



MANOEL A. MARTINS DE OLIVEIRA, 14 anos de COPEL, operador da Subestação de Irati. Tem 44 anos de idade, casado, 5 filhos.

biblioteca

AQUISIÇÕES DA BIBLIOTECA

ADMINISTRAÇÃO

MOURA, P.C. da C. O benefício das crises: desenvolvimento organizacional e mudança planejada. /1978/. 143 p.

TEAD, O. A arte da administração. 1970. 212 p.

ENERGIA

BRASIL. Secretaria de Tecnologia Industrial. Programa tecnológico industrial de alternativas energéticas de origem vegetal: programa tecnológico do etanol. 1979. 111 p.

MENEZES, N.A. de. Destinação final de resíduos sólidos com aproveitamento de energia. /s.d./. 23 f.

STOBAUGH, R., ed. Energy future; report of the energy project at the Harvard Business School. /c1979/. 353 p.

ENGENHARIA ELÉTRICA

ALSTON, L.L., ed. High-voltage technology. 1968. 408 p.

BROWN, H.E. Solution of large networks by matrix methods. /c1975/.

GENERAL ELECTRIC COMPANY. Electric utility systems and practices; a text for a training program in electric utility engineering. 1978. 1v.

INSTITUTION OF ELECTRICAL ENGINEERS. The design and application of EHV substations. 1977. 156 p.

KIND, Dieter. An introduction to high-voltage experimental technique; textbook for electrical engineers. /1979/. 212 p.

KIRCHMAYER, L. K. Economic control of interconnected systems. 1959. 207 p.

MUNASINGHE, M. The economics of power system reliability and planning. /c1979/. 323 p.

RINGLE, R.J. Métodos probabilísticos para projeto e planejamento de sistemas elétricos. 1979. 167 p.

PROCESSAMENTO DE DADOS - COMPUTADORES

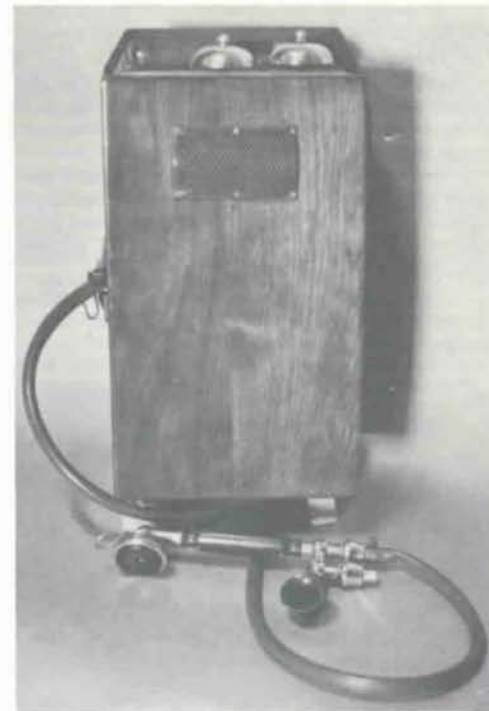
ADAMS, J. & HADEN, D.H. Social effects of computer use and misuse. /c1976/. 326 p.

BEER, J. Choosing a computer 1979. 1979. 120 p.

SMITH, J.M. Mathematical modeling and digital simulation for engineers and scientists. /c1977/. 332 p.

museu

TELEFONE A MAGNETO COM MANGUEIRA



Histórico: instalado em 1927 na usina Palmital - construída pela Empresa de Eletricidade "Alexandre Schlemm" - para comunicação com a Subestação da Empresa, em União da Vitória.

(Peça integrante do Museu da Eletricidade do Paraná, em fase de montagem, e coordenado pela ARP).

gurizada



Bruno Lipski Neto, nascido em 12.01.80, é filho de Rosely e Mariano Lipski (SRP).

CONTENÇÃO DE DESPESAS

A campanha de racionamento de combustíveis tem estimulado a criatividade do nosso pessoal. Um exemplo desse fato está em Ibiaporã, onde a dificuldade no setor de transportes fez com que houvesse o reaproveitamento de uma velha bicicleta, existente na SAG/IBP desde o tempo da antiga empresa.

A recuperação do veículo foi feita pelos próprios eletricitistas da Sub-Agência, com destaque especial para o Sr. Abelardo Furtado, que fez a pintura da bicicleta, de acordo com os padrões da Copel.

Depois de pronta, a bicicleta se enquadrou tão perfeitamente nos padrões da frota da Copel, que ganhou até um número: B1.001.



DE REPENTE, E SIMULTANEAMENTE, UM RETÂNGULO ASSINALA O TEMPORAL E O ESPACIAL...

O Cartão Ponto, como o próprio nome está a indicar, serve para se marcar o ponto.

Ponto, é bom que se afirme, não no sentido do sinal gráfico a que estamos habituados (por sinal, muito pouco digno de nota), mas significando presença. Presença em algum lugar, em hora e dia determinados. Lamentavelmente, quase sempre serve para se marcar a presença no trabalho, que é de veras cansativo.

O Cartão Ponto é, de fato, um simples cartão.

Tem quatro lados, a saber: o lado de cima, o lado de baixo o lado esquerdo e o lado direito e ainda apresenta a particularidade de ter duas faces: uma, que se apresenta ao observador, que o esteja segurando; outra, do lado oposto, exatamente atrás do primeiro. O lado que se apresenta ao observador, chama-se a parte da frente, ou averso; o lado oposto é o lado de trás, ou verso. Dependendo da colocação do observador, o verso torna-se averso e vice-versa.

O Cartão Ponto ainda dispõe de uma parte preambular, em caracteres gráficos (normalmente impressos), que trazem o nome do cidadão que o marca, o local do seu trabalho (ou, pelo menos, o local onde se supõe que ele trabalhe), o nome da repartição (ou empresa, etc.).

Quase sempre está escrito em idioma vernáculo, sendo de se supor que, caso o examinador não o esteja entendendo, seja grafado em outro idioma, a ser estáo devidamente identificado.

Há ainda a hipótese de estar o dito cartão de cabeça para baixo, ou seja, com o lado de cima em baixo e o de baixo em cima, o que dificultará, certamente, a sua leitura. Convém, em tais condições ser imediatamente repostos em sua posição normal.

Sob essa parte preambular, há uma série de quadrículas que correspondem, respectivamente ao dia do mês, à hora de entrada e à hora de saída (pri-

POR QUE UM MÚSICO?

Um consumidor telefonou ao Plantão de Ponta Grossa.

O telefonista de plantão, Pedro Adão, conhecido também por "Gaiteiro", havia se ausentado por instantes e a zeladora atendeu.

- Alô...
- Tenho um problema sério e quero falar com um eletricitista para resolvê-lo urgentemente.
- Sim... um momento.
- Mas, escute... o problema é gravíssimo e muito urgente.
- Está bem... um momento que vou chamar o "Gaiteiro".
- Não. Não senhora... em quero um eletricitista e não um Gaiteiro.

Este é um fato verídico ocorrido há algum tempo.

D. QUIXOTE DA COPEL

O fato ocorreu há alguns anos.

Quando de uma reunião no Escritório de Distribuição de União da Vitória, com a presença de responsáveis pela execução do serviço na área, dentre eles, o eletricitista de Plantão de Mallet, Lucimar Zimmermann, que estava na expectativa de fazer sua solicitação.

Pediu ao chefe do ED uma motocicleta para facilitar o serviço de seu Plantão.

Seu chefe, por brincadeira, disse que ele poderia resolver seu problema com um cavalo.

Passado algum tempo, quando visitava Mallet, numa de suas inspeções de rotina, o chefe do ED, surpreso, foi recebido pelo plantão devidamente montado.

O eletricitista assimilou a brincadeira, e devolveu-a a seu chefe, apresentando inclusive notas de despesas com a alimentação do animal, bem como

um "fabricado" recibo de aluguel do mesmo, que acabou, mesmo que gaitamente, substituindo a motoca.

A foto ilustra o fato e mostra o garbo do cavaleiro da eletricidade.



Sem óleo, sem gasolina, sem revisão mecânica... um sossego!

meiro termo), hora de entrada e hora de saída do segundo termo. Curiosamente, se a leitura for feita do lado direito para o esquerdo (ao contrário do método comum), o cartão ponto adquire a curiosa propriedade de marcar, então: a hora de saída, a hora de entrada (do 2º termo), depois a hora de saída e a hora de entrada do 1º termo. Chama-se a atenção para esse importante detalhe porque ele poderá causar muito atrapalho, até ser devidamente identificado. Então, o lembrete: sempre se deve ler o cartão ponto da esquerda para a direita. Usa-se o cartão inserindo-o em um objeto que se chama relógio ponto. Trata-se, como o arguto leitor já desconfiou, de um relógio que dispõe de uma pequena abertura (fresta) onde o dito cartão deverá ser introduzido. Normalmente, os cartões ponto já são produzidos em bitolas padrão, servindo a várias marcas de relógios. Dando-se o caso de cartão ponto de bitola diferente, convém que se mande reformar todos os relógios ponto disponíveis, adaptando-os, convenientemente, ao tamanho do cartão ponto.

Caso contrário, o cartão entrará no relógio com muita dificuldade, o que acarretará consequências extremamente nefastas para a Empresa.

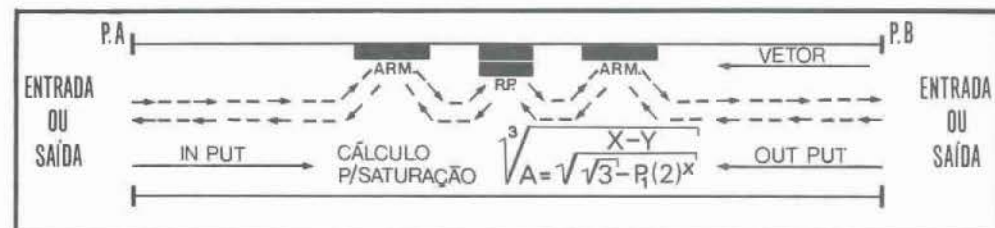
Introduzindo o cartão, o operador - no caso a própria vítima, ou seja, o seu portador - acionará uma pequena alavanca (alguns autores preferem a expressão "manípula", mas, ao que tudo indica, não há nenhum problema em que se chame a dita,

indiferentemente, "alavanca" ou "manípula"), que produzirá um som assim: "plim!", marcando-se, por um processo de impressão à fita, a hora, quer seja de entrada, ou de saída, primeiro ou segundo termo, ou ainda, em casos excepcionais, de turno noturno, ou horas-extras.

Muita atenção para o barulho "plim!", que nos relógios de boa qualidade, deverá ser exatamente ao nível de 5 decibéis, em tom de ré-menor. Qualquer variação acarretará intolerável reação em contrário no operador podendo mesmo causar lesões irreparáveis ou seu ouvido médio (zona do labirinto).

Alguns relógios fazem "plem", outros, ainda, "plom!", mas estes não são de boa qualidade, ao que parece sendo de procedência japonesa, sensivelmente piores que os norte-americanos.

Marcado o ponto (com o competente "plim") o operador o colocará num pequeno armário para esse feito já posto ao lado do relógio ponto. Na verdade, são dois armários: um serve para os cartões serem retirados quando o seu marcador se apresenta para o início do trabalho e outro para guardá-lo após a sua marcação. Inteligentemente, ambos os armários circundam o relógio ponto, de maneira que o que serve para a entrada dos marcadores servirá, terminada a jornada de trabalho, para a saída dos ditos. Embora simples, o gráfico abaixo servirá para ilustrar, perfeitamente, o "lay-out" apropriado:



Qualquer dúvida remanescente poderá ser desfeita consultando-se a bibliografia existente, desde o clássico grego "Kartros Ponktos", até o latino (de um contemporâneo de Cícero) "Cartorum pontorum" (edição, infelizmente, esgotada...), passando-

se pelo verbete de "ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA", muito ilustrativo.

(Cláudia Rosa Fernandes/SMA/GPOA/DVIM)

**INTERNACIONAL DE SEGUROS
DISTRIBUI LUCRO
DA APÓLICE 1819**

Todos os companheiros segurados há mais de um ano, pela apólice número 1819 Seguro de Vida em Grupo da Companhia Internacional de Seguros, tiveram seus nomes concorrendo à distribuição dos lucros auferidos na referida apólice.

Esse procedimento é resultado do contrato de seguro, em cujas Condições Gerais reza que, havendo resultado positivo, do total da receita do período sobre o total das despesas do mesmo, a Seguradora distribuirá 50% desse lucro, exclusivamente em favor dos segurados.

Cumprindo essa determinação, na presença do Inspetor da Superintendência de Seguros Privados - SUSEP, procedeu-se o sorteio das cotas de lucros, na sede da Companhia Internacional de Seguros, sita na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de agosto de 1980, beneficiando (124) cento e vinte e quatro companheiros, com o valor de Cr\$ 5.955,27, incidindo o Imposto de Renda competente. Os contemplados são:

Nº de Ordem	Nome	Cert. Indiv.
5932	Sandra Perucci	85132
5437	Antonio Carlos D. José	69897
2707	Catharina P. dos Anjos	32942
5855	Luiz Ricardo A. Garuboa	84276
7177	Florides de Oliveira Costa	01121
6032	Celia Oliveira da Silva	86449
5223	Zília Mara S. Schmidt	66758
6757	José Alves Martins	03223
0362	Ezdro de Oliveira Santos	04175
1748	Maria Cristina T. Sereia	20707
4256	José Estevam Ribeiro	52781
6045	Djaura de Moraes Pacluco	86601
5738	Sergio Seiti Suguimatsu	73681
2249	Napoleão Siqueira	26942
1906	Regina do Rocio R. Diriao	22777
1415	Clelia Soares Reali	16718
6371	Antonio Pastio	91604
5533	José Gonçalves de Souza	71034
7023	Nair G. Araujo	06818
0849	José Duarte dos Santos	09886
2247	Mosatoshi Yao	26926
1041	José Brizola	12186
6398	Gema Carmem S. Guaresi	91884
0804	Helio Montazzolli	09398
4364	Wanda Aparecida da Silva	54245
6399	Gentil Ramalho de Oliveira	91892
1477	Mario Penteado	17501
5025	Vitorio de Miranda	63368
0365	Olivio Penteado	04213
4244	Clemir F. Jardewski	52633
1634	Milton S. Batista	19326
2088	Aparecida F. Rodela	25016
2270	Newton de Melo	27221
2473	Bemilda Edna Venterini	29879
3293	Luzia Soares P. Vieira	39963
1804	Vicente Schakos	21487
2387	Miguel P. Filho	28821
7235	Emanoel Guedes Correia	02462
6041	Dalva Pinheiro Fritz	86546
4477	João Carlos F. Swensson	55756
5114	Mercedes J. Garcia	65000
4472	Edgar Tesser	55675
7267	Djalma Rosa Prates	02969
6470	Odete Molinari Mello	92635
0492	Regina Madalena Gaspar	05660
6504	Ademar Cury da Silva	00054
6980	Theodorus J. W. de Gorif	06184
7082	Celest D. Assunção	07571
1452	Maria Conceição da Silveira	17145
2452	Liliane do Rocio Almeida	29593
5679	Neuser Maria R. Vissoci	72936
0841	Maria Doraci T. Mathoso	09801
3819	José Trindade Filho	46986
0711	Maria José da Silva	08278
4488	Cláudio G. Karam	55896
5392	Gregorio Proceke	69331
3834	Leriza Maria Pires	47176
5305	José Domingos Seccon	68092
1436	José Gabrin	16963
7197	Nadir Dias de Camargo	01512
2066	Joselita S. Daniel	24770
1267	Inês Dantas da Silva	14910
6435	Laurinda Ferreira Weidner	92261
4300	José Alves Xavier	53338
7160	Generino D. Pereira	00711
5059	Joana Monteiro da Silva	64313
2216	Alices Missias Barraurico	26551

0550	Yoriko Tanaka	06879
4605	Darcilo Zambrect	57589
1286	Clair Terezinha Kuzmcki	15151
6302	Keiko S. Curamiski	7053
5947	Rolf Werner Guptfeld	90560
3099	Cleide C. dos Santos	6678
1904	Miguel Pedro da Silva	05773
3161	Tereza Maria Srenato	1010
4480	Clarice Germizesque	37600
3399	Sugelo C. Dal Col	5207
2120	Mario de Matos	22751
3168	Cleitor Dantas	1967
3426	Dolares Maria Mesquita	38339
3045	Rosalina Glodzienski	7085
6727	João Carneiro	55781
5666	Miguel P. Stange	0837
7108	Lires Iracema G. Damasio	41364
7100	Amiema Torres Samdrim	7080
4980	Agostina F. dos Santos	25385
6638	Fernando R. Vieira	3435
6904	Otakar Sabota	38444
4330	Catarina K. Alves	0786
2956	Rubens R. Julionel	41780
6688	Yelder Zago de Freitas	5243
5265	José Aleixo	36913
3751	Maria B. de Oliveira	4312
5694	Sueli da Silva Ribeiro	02847
3180	Oscar G. Pinto	0332
5434	Edilson Bertholdo	3194
0483	Benedito N.S. Gonçalves	07971
4164	Antonio Guilherme Carvalho	5184
		2785
		07890
		62850
		4463
		02022
		2074
		4792
		05200
		4792
		1559
		35895
		7006
		2001
		02383
		2001
		67517
		2345
		46218
		3927
		73088
		38568
		69854
		05562
		51483

68483	Paulo H. Brivel	68483
07440	Edilberto Manrer	07440
07792	Osiris Toscani	07792
02243	Geraldo Wisozcoski	02243
11805	Dirce G. Meyer	11805
67533	Nelson Bargas	67533
23471	Solange M. Zageski	23471
07610	Gerson Pereira Terres	07610
09762	Jandira Xavier Bush	09762
07555	Ayde Veiga Lopes	07555
04117	Gelmith Hermann	04117
09185	Odila Miranda de Souza	09185
67061	João Maria A. da Silva	67061
53478	Mary Nageita	53478
03799	Ilzo Ribeiro dos Santos	03799
38720	Nelson Domadio	38720
66073	João dos Santos	66073
33922	Paulo Safiano	33922
55497	Izonete C. dos Santos Pereira	55497
24851	Raquel N. Sant'ana Lobo	24851
60121	Alcindo C. Moroti	60121
18923	Maria Aparecida R.S. Landal	18923
06567	Wilson S. Nascimento	06567
23935	Oscar Miquelan	23935
28309	Orlando Comandulli	28309
48288	Jorge Seiki Miyazaki	48288

O pagamento das cotas está sendo efetuado pelos Inspetores da Companhia Internacional de Seguros, sob a coordenação da INTEGRAL - Corretora de Seguros.

**Quem sabe o que quer,
quer saúde.**

Encha o pulmão de ar,
não de fumaça.



PARANÁ
**Um estado de alerta contra
o fumo.**

PRODUTIVIDADE GLOBAL DE FATORES

A COPEL sempre procurou uma otimização de custos em função da produtividade. E sempre numa posição avançada, na vanguarda dos trabalhos dela. Há algum tempo o DNAEE descobriu na Electricité de France — empresa de energia elétrica da França — um processo, uma técnica funcional para essa otimização, no controle da Produtividade Global de Fatores. Uma vez mais, a nossa Empresa se torna pioneira também em PGF, entre as empresas concessionárias de energia.

E quem está estudando o programa, na Empresa, e que contou para o CI o estágio desses estudos, é o Theodoro Cichewicz, Assistente da Superintendência Financeira.

CI — O que é Produtividade Global de Fator?

THEODORO — É um programa em que a gente procura identificar se a empresa é produtiva ou não e no que ela é ou não produtiva. Aí, tenta-se, de certa forma, fixar metas de produtividade e orientar os orçamentos com essas metas.

CI — A França começou a estudar essa técnica em 1960. Ela tem 20 anos de experiência em PGF. Nós vamos começar. Quem utiliza isso no Brasil?

THEODORO — Quem já utiliza essa técnica é a Embratel. Aliás a Embratel já apresenta seus relatórios com essa técnica. Mas quem fomentou esse trabalho no setor elétrico foi o DNAEE, que mandou técnicos para a França, coletou manuais e folhetos sobre o PGF. O DNAEE consultou a COPEL para saber se ela queria fazer uma experiência. Nossa Empresa mantém certo princípio de vanguarda, de pioneirismo. Estudamos o material e chegamos à conclusão de que é viável, embora seja bastante complexo. Como parte desse trabalho inicial, o Superintendente Financeiro, Rubens Ghilardi, esteve na França, na EDF, acompanhado do Victor Piuze e do Rogério Piccoli, verificando "in loco" a aplicação do PGF e colhendo subsídios adicionais e literatura existente.

CI — Na área elétrica, a COPEL vai ser pioneira na aplicação de PGF. Começou os estudos no ano passado. Em que etapa está agora?

THEODORO — Esse processo todo, essa técnica tem duas partes a serem estudadas. A primeira, é descobrir se a Empresa é produtiva. Acontece que aqui já entra um problema complicado — que a França também tem —, a inflação. Só que lá a inflação é bem menor e não afeta tanto os cálculos. É muito difícil você saber, num regime inflacionário, se uma empresa é ou não produtiva. Veja você que, se a economia fosse totalmente estável — sem inflação —, a história seria bem diferente. Acontece que a inflação existe aqui e lá em maior ou menor escala, é claro. Para uma verificação de produtividade, a gente calcula os custos e a produção de dois anos consecutivos a preços constantes, comparando então receitas e despesas. Se a receita crescer mais que a despesa, haverá produtividade. O nosso levantamento refere-se ao período 1975/79. Verificamos que, em termos reais, a preços constantes, todos esses anos a COPEL foi produtiva. Ela teve produtividade em termos operacionais. Verifica-se também a destinação dessa produtividade, que normalmente deve ser transferida em benefício do consumidor e não do lucro da Empresa, que é limitado pelo governo em 10% do seu investimento. Na segunda parte procura-se identificar dentro da empresa qual a contribuição de cada órgão na sua produtividade de forma a fixar metas aplicáveis nos orçamentos futuros. Na COPEL nós ainda estamos na primeira parte do trabalho.

CI — A produtividade de uma empresa não é, assim, uma função só dela. Temos o exemplo da nossa Empresa em 1978, com a seca. A França equilibra as fases de baixa e alta hidraulicidade, com uma maior ou menor produtividade. Quais são os objetivos reais do PGF, na Empresa e fora dela?

THEODORO — De um lado, existe o DNAEE que quer saber se essa ferramenta é prática para implantar nas empresas em geral e se obterá infor-

mações melhores do que as que tem hoje. Acontece que o PGF é uma ferramenta típica de empresa. Ela mesma, por decisão de sua direção, implanta ou não.

Do outro lado está a Empresa (a COPEL), muito interessada na aplicação. Na COPEL, é a



Theodoro

Diretoria Econômico-Financeira que está tocando isso, e dentro dela, nós — o Luiz A. Giordano Rocha, o Edgar Gomes) eu e a nossa secretária, a Marília. O objetivo da Empresa, com o aproveitamento dessa técnica, é mantê-la no pioneirismo. Claro, sem adotar aquela posição de "negócio prá inglês ver"! Queremos e vamos fazer algo que funcione, sendo pioneiro. Que seja aperfeiçoamento. Que possa até ser útil para outras empresas dentro do Estado e fora dele.

CI — Vocês preparam tudo. Depois vai para a aprovação. Começa, se aprovado, a funcionar de imediato?

THEODORO — Se o nosso relatório for aceito, será aplicado sobre o orçamento do ano seguinte. Poderíamos moldar o orçamento através de metas, já no ano que vem, mas para entrar em funcionamento perfeito levaria uns 5 anos. Porque há certos aspectos difíceis de serem aferidos, como, por exemplo, o que é a produtividade de um órgão? Como ela pode ser quantificada? É um trabalho que exige fôlego, feito a médio prazo para tentar gerenciar a empresa por um parâmetro de produtividade.

CI — E o resultado?

THEODORO — Uma vez implantada a técnica, o resultado não vai ser sentido de início. Só a partir do segundo ou terceiro ano, quando também poderão ser identificados custos não produtivos ou não rentáveis, que podem ser eliminados. Assim, o resultado é duplo: afere a produtividade — organizando metas, e descobre e elimina custos não produtivos. E com uma vantagem muito grande: se a Empresa entrar realmente nesse caminho, ela tem uma ferramenta para descentralizar-se administrativamente.

MUDANÇA DAS INSTALAÇÕES DA SUB-AGÊNCIA DE IBIPORÁ

Recentemente a Sub-Agência de Ibiaporá transferiu suas instalações para um novo e moderno prédio da cidade. Essa mudança, além de promover uma melhor adequação do órgão, proporcionou sensíveis melhorias no setor de atendimento ao público consumidor e ofereceu mais conforto e melhores condições para seus empregados. Sem dúvida alguma, esse fato beneficia toda a população ibiporãense e se transforma na parcela de colaboração da Empresa para o progresso da cidade.

Por ocasião do início das atividades da Sub-Agência no seu novo estabelecimento estiveram presentes, prestigiando o acontecimento, as seguintes pessoas:

Eng^o Wilson da Silva, Superintendente da SRL; Eng^o José Carlos Binotti, Chefe do DPRC; Euclides Puntel, Chefe do DPRA; Roberto Pontedura, Chefe da DVRC; e Ludinei Picelli, Gerente da AG/LNA.

O Sr. Oreste Umberto Jorra, gerente da SAG/IBP solicitou que o vigário da cidade benze as instalações, na presença de todos os empregados do órgão. Novo endereço: Rua Vicente Machado, 497.



Os empregados da Sub-Agência de Ibiaporá e o vigário, após a bênção das novas instalações.